

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA**

Infância Laklãnõ: Ensaio Preliminar

Marcondes Namblá

Florianópolis, janeiro de 2015.

Marcondes Namblá

Infância Laklãnõ: Ensaio Preliminar

Trabalho de Final de Curso, submetido à Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Licenciado, com ênfase em Línguas Indígenas.

Orientador: Prof^a Dr^a. Antonella Tassinari

Co-orientador: Prof^a. Ms. Suzana Cavaleiro de Jesus

Florianópolis, SC.

2015

Marcondes Namblá

Infância Laklãnõ: Ensaio Preliminar

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado e aprovado em sua forma final pela Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Florianópolis, 27 de janeiro de 2015.

Prof. Lucas Bueno, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Antonella Maria Imperatriz Tassinari, Dr.^a.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Suzana Cavalheiro de Jesus, Ms.
Co-orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Juliana Machado
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Silvia Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 27 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 16:30 horas, na Sala Auditorio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora Orientadora Suzana Cavalheiro de Jesus, e Presidente, Professora Juliana Salles Machado Bueno, Titular da Banca, e Professora Silvia Maria Oliveira, Suplente, designados pela Portaria nº 06/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Marcondes Nambla, subordinado ao título: “Infância Laklãnô: Ensaio Preliminar”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Suzana Cavalheiro de Jesus, a nota final 10,0 da Professora Juliana Salles Machado Bueno, a nota final 10,0, e da Professora Silvia Maria Oliveira, a nota final 10,0; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 27 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Suzana Cavalheiro de Jesus

Prof. Juliana Salles Machado

Prof. Silvia Oliveira

Candidato MARCONDES NAMBLA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Marcondes Namblá, matrícula n.º 11100081, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "Infância Laklãnõ: Ensaio Preliminar", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 05 de março de 2015.

Suzana Cavalleiro de Jesus

Orientador(a)

Sumário

Introdução.....	7
CAPÍTULO I - O Povo Laklãnõ.....	9
1.1. Os Laklãnõ: etnonimo e ocupação territorial	9
1.2. As Marcas Corporais Tradicionais Laklãnõ	13
CAPITULO II – Um olhar antropológico sobre a produção de corpos na infância Laklãnõ.....	21
2.1. Antropologia e Infâncias Indígenas	21
2.2. A infância no ciclo de vida Laklãnõ	23
2.3. Características da infância Laklãnõ	28
CAPITULO III – O banho de rio, a barragem e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ.....	32
3.1. Os banhos de rio e a infância Laklãnõ	32
3.2. Os Laklãnõ e seus locais de “Banho de rio” antes e após a construção da Barragem Norte.....	41
Considerações finais	50
Referências	52
APÊNDICE - Laklãnõ óg klã óg tō ũntógli dén tō klo kég ke jó lánlál - As Brincadeiras praticadasPelas crianças Laklãnõ na atualidade	53

Introdução

O presente trabalho é o primeiro ensaio sobre as concepções de infância do povo Laklãnõ, classificado como um grupo Jê meridional, pertencente ao grande ronco Macro-Jê, da família linguística Jê. Os Laklãnõ até os anos 2000 foram conhecidos somente no Estado de Santa Catarina, na Terra Indígena Laklãnõ. Posteriormente outros grupos se autodeclararam pertencentes a este povo e lutam para serem reconhecidos como tal, inclusive perante a justiça brasileira. Ressalto que nesta luta por reconhecimento, os Laklãnõ até o presente momento reconhecem como parte legítima de seu povo, os remanescentes do grupo que foram contatados por volta dos anos de 1918 – 1919, próximo aos municípios de Porto União e Matos Costas – SC, SANTOS (1973 e 1997). Os Laklãnõ ficaram mais conhecidos como “Xokleng”, nome sobre o qual tratarei ao longo deste texto.

A pesquisa foi feita através de conversas informais com membros da comunidade, dentre crianças a adultos (anciãos/sábios) e observação participante do qual resultou em um diário de anotações das observações feitas, o qual forma o corpus deste trabalho com todas as informações levantadas até o momento a respeito das concepções de infância no contexto indígena Laklãnõ. As observações foram feitas em toda a Terra Indígena Laklãnõ, com concentração maior na Aldeia Barragem, pois por morar nesta localidade tenho muita amizade com os sábios que ali residem e mais ainda por que a comunidade indígena Laklãnõ está toda acampada desde maio de 2014 sobre a Barragem Norte em forma de protesto devido a grande enchente do rio ocorrida em abril do mesmo ano e que causou muitos danos materiais em diversos pontos da Terra Indígena e algumas casas foram submersas. Não que eu tenha me aproveitado do momento para pesquisar, mas o fato é que com a vinda das famílias com as quais eu pesquisava para o movimento, tivemos que concluir nosso trabalho o que para mim foi de maior valia, pois pude perceber que durante o movimento coletivo do povo em defesa de seus direitos é um momento em que há uma forte manifestação dos aspectos culturais dos quais me refiro neste texto, como o caso da junção das crianças em um mesmo espaço e daí podemos perceber realmente como se dá o processo de ensino e aprendizagem tradicional Laklãnõ.

Os meus informantes são pessoas pelas quais tenho muita admiração e muito respeito, pois se não tivesse convivido e participado dos momentos do seu cotidiano, não teria aprendido nenhuma das coisas que aqui relato. Sinto-me honrado em fazer

parte desta cultura tão rica e belíssima e tão sábia. Fico admirando em todo o momento esta ciência milenar da qual sou filho e da qual sempre vou me orgulhar.

Este trabalho está organizado em três capítulos e dividido em vários pontos de discussão. No primeiro Capítulo trato sobre o povo Laklãnõ descrevendo um breve histórico acerca do seu etnonimo, da localização geográfica da Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ, a organização social e outros dados que considero importantes mostrar.

No segundo Capítulo falarei sobre a Antropologia e a Infância Indígena, a fim de situar os aspectos teóricos que orientam minha reflexão. Essas discussões incluem estudos a respeito de infância indígena no Brasil e embasam a pesquisa realizada entre o meu povo. Somado a isto, começo a delinear uma primeira visualização sobre a infância Laklãnõ no interior do ciclo de vida deste povo.

Por fim, no terceiro capítulo descrevo as visões e concepções Laklãnõ de infância e corporalidade, a partir dos banhos de rio no cotidiano das crianças. Do mesmo modo, falo sobre a construção da Barragem Norte e os impactos culturais nas práticas de banho de rio, que considero uma prática importante para a produção do corpo na infância Laklãnõ. Apresento ainda um etnomapeamento dos locais dos banhos de rio e das práticas corporais que se fazia e/ou ainda fazem, antes e após a construção da barragem.

Ao longo de minhas pesquisas, anotei o nome e também as regras das brincadeiras que as crianças praticavam enquanto eu as observava e das quais tive a oportunidade de participar de algumas delas, o que resultou em um caderno de brincadeiras que decidi então traduzi-las para a língua Laklãnõ para então trabalhar com meus alunos. Após analisar a importância daquele material como instrumento didático, decidi então anexá-lo neste trabalho como apêndice, almejando subsidiar os professores Laklãnõ com um material de apoio que possa lhes auxiliar no desenvolvimento de suas práticas docentes. Do mesmo modo, considero importante colocar à disposição do leitor, principalmente aos membros do meu povo, para que eles possam entender a história e assim ter suas conclusões sobre a percepção do mundo desta sociedade indígena, registrando a história deste povo, dando oportunidade para que as atuais e futuras gerações possam conhecer a história dos seus antepassados e assim manter viva a sua identidade étnica como povo Laklãnõ.

CAPÍTULO I - O Povo Laklãnõ

1.1. Os Laklãnõ: etnonimo e ocupação territorial

Segundo Santos (1973), o termo utilizado para denominar os Laklãnõ gerou muitos debates entre os indígenas deste povo desde o primeiro momento de contato com Eduardo Hoerhan, a partir de 1914 e isto se deve ao fato de desconforto que os membros deste povo sentem ao descrever os significados literais deste etnonimo à eles designado¹. Por isso, segundo este autor, as denominações dadas para este povo foram as mais variadas como Bugres, Botocudos do Sul, Aweikoma, Xokleng, Xokrén, Kaingang de Santa Catarina e Aweikoma-Kaingang. Estas últimas denominações foram dadas por que as línguas faladas pelos Laklãnõ e pelos Kaingang² têm semelhança por fazerem parte de um mesmo tronco linguístico (GAKRAN, 2005. p.12).

Para Henry (1935) há diferenças linguístico-culturais entre eles e os outros Kaingang e aqui cito como exemplo o ritual Kaingang aos mortos, o KIKI, que não é praticado pelos Laklãnõ, mas muitas palavras são as mesmas nas duas línguas, como por exemplo, *kujá* (Líder espiritual) são faladas a mesma coisa em Laklãnõ e no Kaingang. Urban (1985), afirma que os Laklãnõ se originaram dos Kaingang e que a separação entre os dois grupos se deu devido à ruptura nuclear de suas patrimetades.

Segundo Santos (1973; p.31), devido aos vários nomes atribuídos a esse povo, foi necessário chegar a um consenso, imagino que acadêmico, pelo uso do termo Xokleng, que ao longo da história e do processo de contato destes com o mundo não indígena tornou-se o denominador de sua identidade externa. Gakran (2005) diz que na

¹ Durante as pesquisas de campo, outro questionamento surgiu por parte de alguns outros membros do povo que também discordam em autodenominar o grupo todo como Laklãnõ por que dizem tratar-se da mistura de pelo menos duas facções reconhecidas pela literatura antropológica quando na época do contato com Eduardo Hoerhan, no ano de 1914. Segundo essas pessoas, a composição desse grupo seria a mistura dos Laklãnõ e os Glókózy tō pléj. Minha sugestão para essa questão é que uma pesquisa mais aprofundada a respeito dessa suposta mistura seja necessária para poder se chegar a uma conclusão e definição da autodenominação do grupo aqui definido por mim primeiramente como Laklãnõ e que futuramente poderá ser alterado ou não dependendo do resultado de tal pesquisa.

² Segundo a determinação da Associação Brasileira de Antropologia, utiliza-se o nome das comunidades Indígenas sempre no singular.

atualidade, os membros deste povo, não reconhecem o etnonimo Xokleng como sua autodenominação e dizem que esse termo é demarcador do olhar do colonizador sobre a comunidade e não dela como povo. O autor afirma que o povo, inclusive ele que é membro desta sociedade, nunca se sentiu confortável com essa denominação, devido a interpretação que ele e seus compatriotas fazem do seu significado, para eles desagradável, fazendo com que se sintam humilhados. O autor diz ainda que o grupo chegou a algumas conclusões sobre a etimologia do nome mais comum atribuído a eles:

A partir daquele questionamento, em conjunto temos buscado reconstruir e redefinir a nossa identidade, sobretudo em conversa com os mais idosos, na tentativa de recuperar informações sobre nossa história e, assim, redefinir nossa autodenominação. Nessa pesquisa chegamos a algumas conclusões sobre a etimologia do nome mais comum a nós atribuído:

Xó ou **Txó**: paredão de pedra, rocha, gruta de pedra

Kleng ou **klê**: montanha

(GAKRAN, Namblá, 2005; p.13)

Essa interpretação do nome vem de um fato que descobriu durante suas pesquisas com os sábios que certo pesquisador não indígena, de nome não informado “O pesquisador perguntou para seu informante como eles se protegem da chuva e o seu informante respondeu dizendo que em época de grandes chuvas se protegem de baixo dos paredões de pedra” (GAKRAN, 2005; p 13). Na mesma pesquisa Gakran se deparou com outra interpretação sobre o mesmo nome: *Xokleng* ou *txuklêg* que significa **aranha**.

Outro pesquisador³ interrogou sobre como faziam para transportar grandes quantidades de pertences ou quando saíam para caçar e também quando matavam um boi nas fazendas dos não indígenas, o informante disse sobre o termo *Txuklêg*, que quando matavam um boi, eles esquartejavam e um homem carregava tudo nas costas em um cesto com alças como de mochila, sendo assim comparados como uma aranha com seu enorme abdome. GAKRAN (2005), concluiu que o nome *Xokleng* estava sendo usado de maneira equivocada e preconceituosa, identificando o povo como homens da montanha ou homens que vivem debaixo de paredões de pedras ou povo da caverna e/ou finalmente, homens aranhas.

³ O pesquisador aqui se refere aos pesquisadores não indígenas que estiveram na TI e que denominaram o povo pelo nome de Xokleng.

O autor diz que recentemente o povo iniciou um processo de resgate das histórias de suas origens procurando resgatar o nome que consideram a verdadeira denominação do povo por que é o termo Laklãnõ que os distingue dos demais grupos indígenas do Brasil. Segundo GAKRAN (2005, p.14) o próprio povo chegou a um consenso de autodenominar-se “*Laklãnõ*”, que na sua literalidade significa “povo que vive onde nasce o sol, ou gente do sol.

Sugiro que *Filhos do Sol* seja anexado aos significados, pois considero mais adequado para essa denominação. Segundo Gakran (2005) a tradução literal mais apropriada seja próxima de “os que são descendentes do Sol”. Assim, o termo “Laklãnõ” tem ganhando espaço político, interno e externo, através do movimento de recuperação e manutenção da sua língua indígena através de registros das histórias antigas e o ensino bilíngue nas escolas. Há também a pretensão de extensão do ensino da língua Laklãnõ para outros ambientes sociais da comunidade, como os postos de saúde, igrejas e outros de grandes frequências pelos Laklãnõ. No que diz respeito à adoção do etnonimo Laklãnõ, percebemos que não é um fato recente. Como podemos ver em Greg Urban (1978), este autor também reconheceu como “*Rakranõ*” o grupo contatado em 1914 na foz do Rio Platê⁴ por Eduardo de Lima e Silva Hoerhan.

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, o povo Laklãnõ até os anos 2000 era encontrado somente no Estado de Santa Catarina, onde está localizada a Terra indígena Laklãnõ. A partir desse período outros grupos começaram a se autodeclarar pertencentes a este povo e buscaram até os dias atuais reconhecimento dos Laklãnõ. É o caso do grupo que foi contatado nos anos de 1918-1919 próximo aos municípios catarinenses de Matos Costas e Porto União (SANTOS, 1973), já reconhecidos pelas lideranças Laklãnõ de Ibirama e contam com esse apoio para suas lutas junto às autoridades, os meios de comunicação e à sociedade envolvente, na conquista de benefícios.

Atualmente a terra dos Laklãnõ é reconhecida como Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ e está a cerca de 260 km a noroeste de Florianópolis e a 100 km a oeste de Blumenau, sendo que suas terras se distribuem por quatro municípios catarinenses: José Boiteux, Vítor Meireles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis (HOFMAN, 2011). Cerca de 70% da Terra Indígena está dentro dos limites dos municípios de José

4 Segundo Urban, “*Rakranõ*” poderia ser contração de expressão “*ra ydn kra nõ*”, “povo do lugar que o sol levanta” (Urban 1978:346).

Boiteux (sudeste da Terra Indígena) e uma pequena parte no município de Doutor Pedrinho (norte da Terra Indígena). Outra pequena parte, situada na Aldeia Toldo, pertence para o município de Itaiópolis, ficando assim aproximadamente 20% pertencente para Vitor Meireles.

A Terra Indígena Ibirama/Laklãnô está dividida em oito aldeias: Sede, Pavão, Barragem, Palmeirinha, Figueira, Coqueiro, Bugio e Toldo. Essa divisória política foi feita através de linhas imaginárias e isso acontece quando moradores de uma localidade decidem reivindicar emancipação política e com base no Regimento Interno, que diz *que*:

Fica estabelecido que o desmembramento de um local da aldeia é de inteira responsabilidade do Cacique Regional e deve seguir os seguintes princípios: a) Estrutura do local (Escola, Posto de Saúde, etc.); b) Número de famílias; c) Plebiscito com 50% mais um voto do eleitor de maior de idade – 15 anos acima; d) Caso extraordinário com formação de uma aldeia será discutido no momento.(LAKLÃNO, Regimento Interno, 2002, Artigo 65º; p.10)

Após tornar-se aldeia, todas têm autonomia política, elegem um Cacique e um Vice Cacique Regional. Existe também um Cacique Presidente (geral) também com seu respectivo vice, que representam a unidade da terra indígena e da comunidade perante as instituições e órgãos com as quais ela estabelece relações políticas. Todos os caciques (Regional e Presidente) são escolhidos em uma eleição por voto direto, têm mandato de três anos e direito à uma reeleição. Quando qualquer comunidade se sentir descontente com seus líderes (Cacique), pode destituí-lo mediante um abaixo-assinado e/ou quando consegue uma prova concreta de desvio de bens ‘patrimoniais’ da comunidade e outros atos ilícitos previstos no Regimento Interno⁵. Se assim acontecer, o vice ou outra pessoa escolhida pela comunidade assume, a fim de concluir o mandato, através de eleição complementar ou plebiscito, organizado pela justiça eleitoral Laklãnô. O mesmo procedimento acontece com o Cacique Presidente quando a maioria do povo estiver descontente com sua atuação.

Entre os Laklãnô, a maior parte dos domicílios abriga famílias extensas que sempre moram próximas umas das outras e formam micro aldeias dentro de cada vila, denominadas pelos nomes das famílias que as constituem. Assim, irmãos, cunhados,

⁵ REGIMENTO INTERNO é a lei que regulamenta a política interna na Terra Indígena Ibirama/Laklãnô criada no ano de 1983 e aprovado em assembleia geral do povo no ano de 1992. O documento passou por várias reformas e adaptações chegando a se tornar o principal instrumento da organização política do povo Laklãnô (Xokleng), prevendo eleição de três em três anos por votos direto e secreto para a escolha dos Caciques Regionais e Cacique Presidente.

noras e genros vivem próximos uns dos outros. Nesse contexto, mantêm relações com outras famílias apenas quando um de seus membros cria laço matrimonial com elas ou quando mantêm laços e interesses políticos comuns.

1.2. As Marcas Corporais Tradicionais Laklãnõ

Segundo o sábio Manoel Mõkónã⁶ (in memória), consultado em agosto de 2012, podemos dizer que há duas formas de marcas corporais utilizadas pelos membros do povo Laklãnõ, no contexto tradicional. Percebe-se que durante o discurso os informantes usam o termo *KUTE MÊ ÃG NÕ KA*, que literalmente significa “o tempo que vivíamos no mato” ou “o tempo do mato”, para se referir ao período anterior a 1914, pois que segundo ele, teve o privilégio de ter vivido a sua infância antes do contato com Eduardo Hoerhan e que teve acesso às histórias e aos conhecimentos tradicionais de seu povo. Conta Mõkónã que naquele tempo as festas eram comuns, pois faziam parte da ritualidade tradicional do povo. Os rituais mais comuns eram os rituais de iniciação, no qual eram furados os lábios inferiores dos meninos para a introdução do *GLÓKÓZY* (Botoque) e a aplicação de uma espécie de fortificante nos joelhos das meninas chamado de *GÛNH*. Dizia o informante que eram estas marcas que identificariam as pessoas como parte do povo Laklãnõ e por isso costumavam dizer que a criança, seja menino ou menina ao nascer, fazia parte do povo, mas não como membro social, pois devia passar pelo ritual de marcação para depois sim ter os direitos sociais entre o povo. Então durante uma batalha a perda de uma criança que ainda não havia sido marcada não era muito lamentada entre o povo da mesma maneira que lamentavam a perda de um membro com a marca tradicional.

Ao pensarmos apenas nisto, talvez possam surgir algumas dúvidas na cabeça do leitor, pois há as marcas corporais que são pintadas no corpo de todos os membros do povo, conforme a sua descendência. Para podermos entender melhor como funcionam estas marcas devemos analisar a história do surgimento do povo Laklãnõ contada por Kanhaá Nãnbala na década de 1980, registrada, transcrita e traduzida por Namblá Gakran, pesquisador Laklãnõ.

⁶ Manoel Mõkónã – grande sábio Laklãnõ, falecido no dia 28 de julho de 2014, centenário indígena que era muito sábio cantador das músicas tradicionais.

Segundo esta história surgiu dois grupos que compõem as duas metades do povo Laklãnõ, os *KLĚDO* que vieram da montanha e os *VĀJĚKY* que surgiram da água do mar. Após saírem cada clã do seu lugar de origem eles se encontram e fazem muita festa para comemorar a descoberta deste novo mundo, a terra. Depois começam a desbravar o novo território e a cada nova descoberta, param e festejam com muita música, comida, dança e bebida feito á base de água, mel e xaxim, fortemente fermentada.

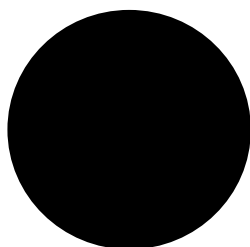
No decorrer dessa trajetória, o Chefe *VĀJĚKY* ouve barulho (vozes) de outros homens e fica com muito medo. Ele então resolve criar um animal para defendê-los contra os possíveis inimigos que se aproximavam do seu território. Nesta primeira criação, *VĀJĚKY* não obteve o sucesso que esperava, pois pensava ele de criar uma onça, mas o que surgiu foi uma anta por ter sido esculpida em um tronco de *KÁPLU*⁷ e por isso ele decidiu tentar novamente. Desta vez o chefe consegue criar a tão desejada onça que foi toda esculpida em um tronco de araucária e a seu pedido foi pintada pelos chefes das famílias. Cada qual que pintou o animal de *VĀJĚKY* criou as marcas que determinou as descendências das famílias, como se fossem hoje os sobrenomes das pessoas e determinou que estas marcas fossem passadas de geração em geração em toda a existência do povo. Contudo, nos dias de hoje esse uso não é feito, devido, principalmente, ao contato com a cultura não indígena a partir do ano de 1914 e a chegada da igreja evangélica no início dos anos de 1950 em diante.

Considerando a formação do corpo de uma pessoa Laklãnõ, menino ou menina, a partir das marcas acima identificadas (iniciação), podemos perceber que um homem sem *GLÓKÓZY* nos lábios podia até ser considerado um inimigo mortal. Então o corpo de um Laklãnõ só se tornava sagrado e perfeito para os membros do povo quando o indivíduo adequadamente estivesse utilizando essas marcas e outros elementos corporais tradicionais, lembrando que isto era no “tempo mato” (*KUTE MĚ ĀG NŌ KA*), como dizem os meus informantes. Na atualidade não se usa mais as pinturas corporais da história da criação da onça e nem outros adornos e enfeites corporais devido a forte interferência da religião cristã que a partir do ano de 1950 do século passado, introduziu entre os Laklãnõ a igreja evangélica que satanizou, ou seja, considerou as práticas tradicionais como diabólicas em relação a crença cristã de que existe um único Deus e que todas as práticas que diferiam essa ideologia seriam

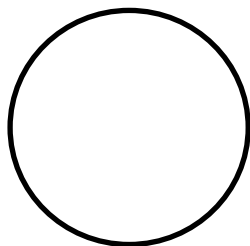
⁷ Káplu: nome tradicional de uma árvore desconhecida, supostamente extinta, segundo Manoel Mõkônã.

pecaminosas e que com isto perderiam a salvação em Jesus Cristo. Segundo Tassinari (2010), a produção do que ela considera como “*corpos saudáveis*” dentro do sistema tradicional indígena, está associado aos ensinamentos dos valores morais e éticos que incluem além da ingestão de alimentos saudáveis, a prática de técnicas corporais e, isso inclui, no meu ponto de vista, os adornos, as pinturas corporais e outros elementos corporais utilizados em cada cultura indígena complementados com todos os rituais religiosos ou não.

VÃJÊKY MÕ ÓG TÕ TI MÃG LÁN JÓ
HÁ VŨ TÓG GE TÊ - Estas são as marcas que pintaram na criação do
Chefe Vãjêky



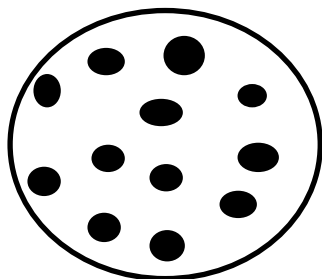
VÃNH MÊ VIN
Marcas arredondadas fechadas



VÃNH MÊ KUNHKÊN
Marcas arredondadas abertas



VÃNH MÊ KALEM
Marcas compridas fechadas

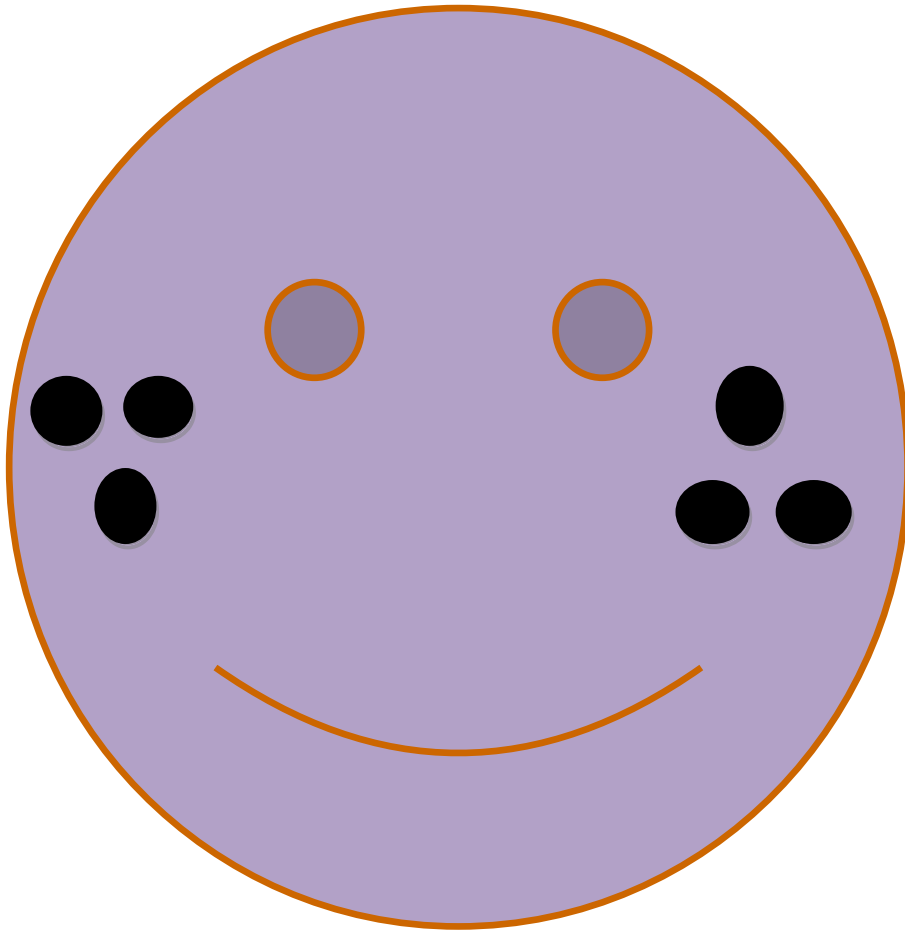


VÃNH MÊ TXYM TXYM
Marcas pontilhadas

TÓG GEN KŨ NÃ ÃGGÓNÃ LÁ GÉ KE MŨ:

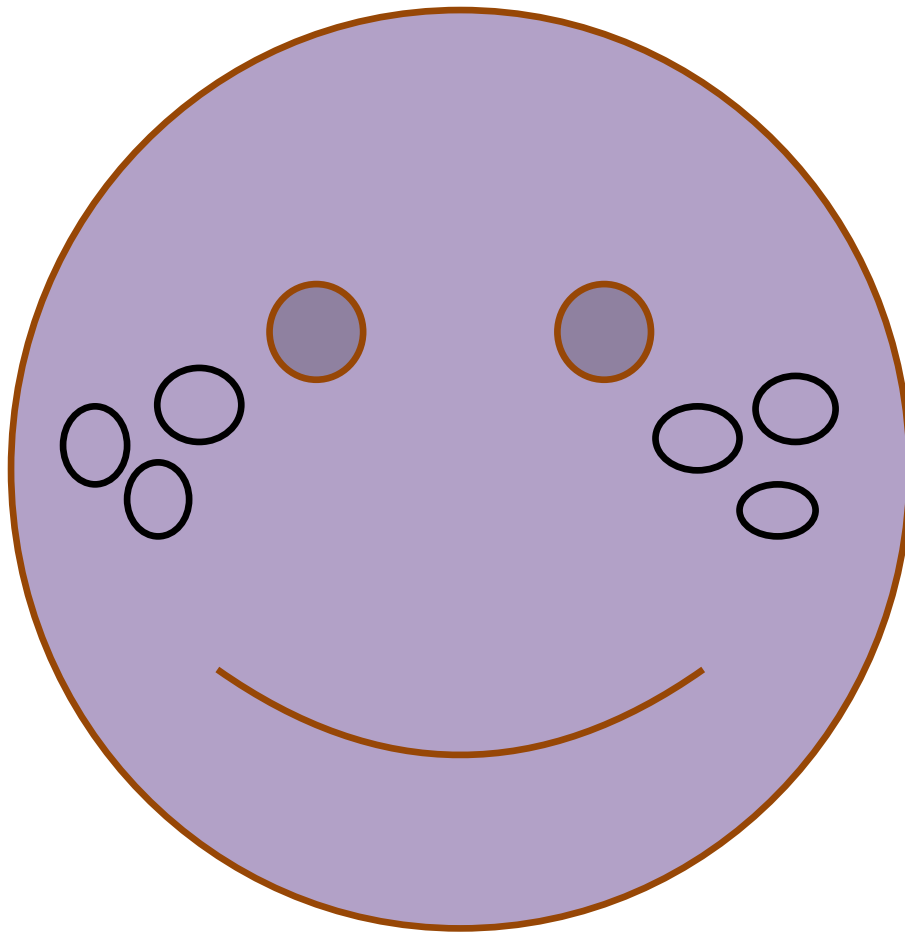
Como pintamos a face:

VÃNH MÊ VIN



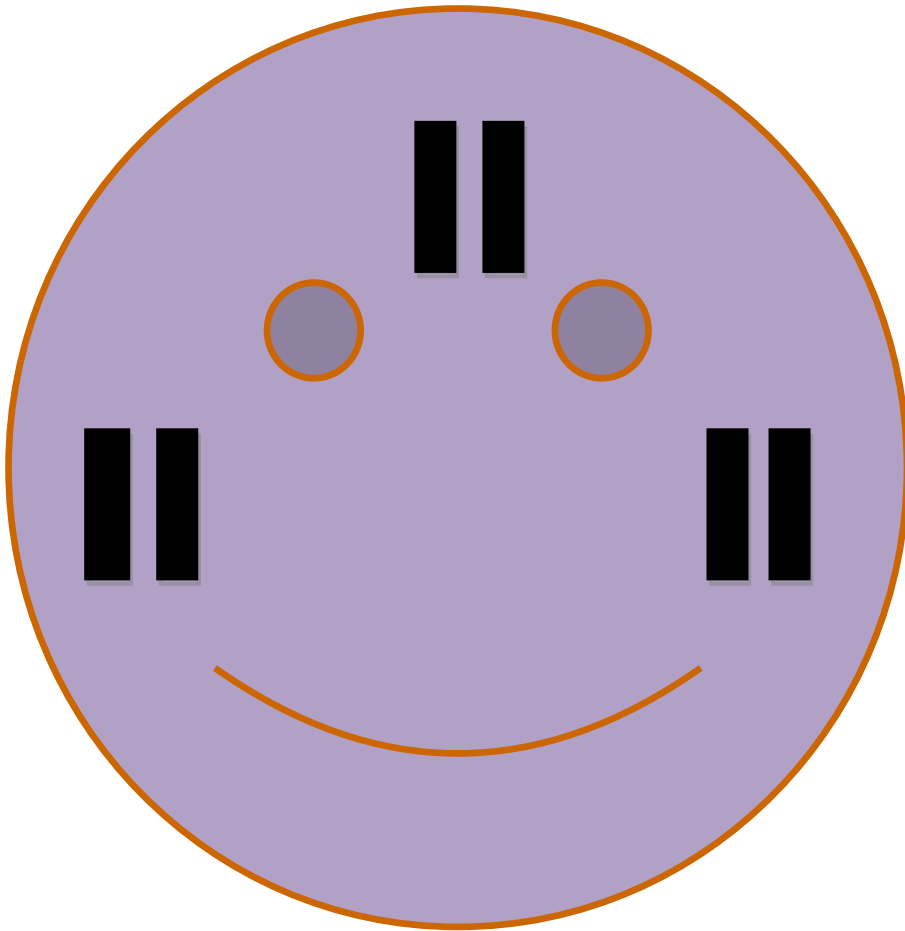
Marcas arredondadas fechadas

VÃNH MÃ KUNHKÊN



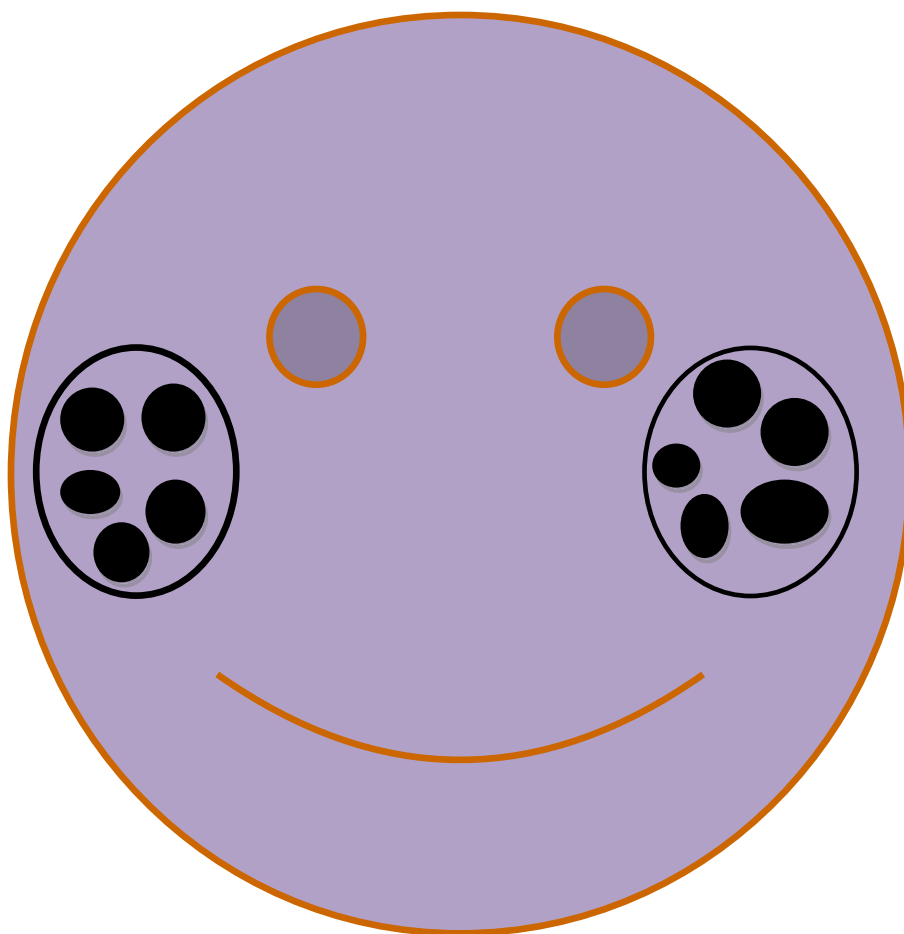
Marcas arredondadas abertas

VÃNH MÃ KALEM



Marcas compridas fechadas

VÃNH MÃ TXYM TXYM



Marcas pontilhadas

TÓG GEN KŪ ÓG VĀGDJÓ TÕ VĀJĚKY MÕ TI MĀG LĀN KAN MŪ. KŪ TA VAHA VĀTXO MĚG KŪ Ū TI ÓG DU MĚ ÓG KO TĚ MŪ.

E foi assim que eles terminaram de pintar a criação do Chefe Vājěky. Então ela se transformou em onça e foi atrás dos outros para os comer.



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=imagens%20de%20onça&gws_rd=ssl



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=imagens%20de%20onça&gws_rd=ssl

CAPITULO II – Um olhar antropológico sobre a produção de corpos na infância Laklãñ

2.1. Antropologia e Infâncias Indígenas

A infância tem sido descrita pela antropologia de diversas formas, ocupando espaços importantes de estudos clássicos, como os de Malinowski. Segundo este autor (1982), nas Ilhas Trombiand, as crianças têm muita liberdade, isto significa que saem cedo da tutela dos pais. O autor afirmou que, seus pais não davam importância quando seus filhos saíam de casa. Algumas delas obedeciam de bom grado a seus pais, mas isso dependia unicamente do temperamento pessoal tanto dos pais como dos filhos. Sua descrição dava a entender que no mundo destes nativos não existia nenhuma forma de disciplina regular, nem qualquer sistema de correção doméstica.

Ainda de acordo com o mesmo autor, um dos efeitos dessa liberdade consistia na formação de uma pequena comunidade infantil (República), grupo espontâneo e independente a que as crianças se incorporavam desde os quatro ou cinco anos e onde continuavam até a puberdade. De acordo com a sua vontade, tanto poderiam passar o dia em companhia dos pais, como poderiam juntar-se a seus amigos de brincadeiras na pequena república deles, por um período que varia conforme suas próprias vontades. Desta maneira, pode se afirmar que, desde muito jovem, as crianças começavam a compreender as tradições e os costumes tribais. Malinowski afirma que, entre esses nativos, a liberdade e independência das crianças estendem-se também a esfera sexual. De início, as crianças ouvem falar muito de coisas relacionadas com a vida sexual dos mais velhos, inclusive assistem frequentemente a algumas dessas manifestações. Segundo o autor na própria casa dos nativos, os pais não têm possibilidade de isolar-se das crianças, por isso, elas adquirem muitas informações não comuns a outras sociedades. O mesmo diz que, não há nenhuma preocupação especial para impedir que as crianças assistam. Desta maneira são testemunhas oculares das relações sexuais de seus pais. Na pequena república de crianças que foi referido anteriormente, Malinowski (1983) afirma que quando as crianças vão para lá, morar sozinhas, lá praticam o sexo muito cedo. Normalmente, entre 6 à 8 anos a menina começa ter relação sexual e os meninos entre os 12 aos 14 anos de idade. Após os 12 a 14 anos o menino e a menina

não são mais considerados crianças, mas sim adultos. Agora se comportando como adultos e já começam participar das atividades econômicas dos mais velhos.

Malinowski ressalta o que há de diferente entre os trombianteses e a sociedade não indígena de sua época. Atualmente a antropologia tem se dedicado mais a compreender as diferentes concepções de infância, sem efetuar comparações deste tipo. Segundo Barbosa e Gomes (2011, p.2):

Não se pode negar que a concepção de criança e infância se constrói historicamente e conseqüentemente muda ao longo dos tempos. Entretanto, em quase todas as sociedades indígenas, a criança vivencia o que é ser criança de forma diferenciada da criança em contexto urbano, pelo fato dela viver em contato com as suas origens, ter idioma próprio, além de viver em um espaço geográfico, do qual ela é integrante desde o seu nascimento.

De acordo com Antonella Tassinari (2007) existem poucos estudos ou dados etnográficos sobre a infância indígena. Tassinari também aponta vários aspectos recorrentes entre povos indígenas sobre concepções indígenas de infância como, por exemplo, o reconhecimento da autonomia e legitimidade das falas das crianças e de sua capacidade de decisão, reconhecendo a diversidade sociocultural indígena e o caráter provisório das generalizações. Concordamos quando ela diz que temos muito, para aprender com as crianças indígenas e que essas crianças têm um mundo muito particular, e que existem sim muitas coisas similares ou parecidas entre crianças indígenas de povos distintos.

Considerando a liberdade de escolha da criança indígena, para TASSINARI (2007) a etnografia aponta para a liberdade de escolha entre as crianças indígenas o que lhes permite tomada de decisões que afetam diretamente seus pais, familiares e comunidade, ou seja, a criança é respeitada como sujeito de sua própria educação e arriscando ir pouco mais além podemos dizer que a responsabilidade de aprendizagem não está nos adultos e sim na própria criança.

Analisando esse aspecto em comparação com a infância Laklãnõ, segundo os informantes, quando perguntei sobre como seus pais os haviam educado responderam que não se pode privar as crianças de sua liberdade por que se não vão crescer sem saber nada da vida e ainda podem morrer de desgosto por que cada um de nós tem um espírito e se quisermos que ele não abandonem o seu corpo para retornar para o lugar de

onde vieram temos que deixar que esta criança se sinta a vontade em convivência com a natureza e com as demais crianças sem nos preocupar com o que vai acontecer com ela por que um pequeno acidente, por exemplo, tradicionalmente é considerado como uma prova de que aquela criança está no caminho certo da aprendizagem, pois só aprende quem se arrisca a fazer o que o seu espaço de convivência lhe permite e o que ainda não sabe fazer.

TASSINARI (2007) também aponta um outro aspecto muito importante a respeito da infância indígena que é o reconhecimento dos adultos na habilidade das crianças, o que significa que para eles uma criança só precisa estar em constante observação de tudo a sua volta para aprender, pois isso faz parte da pedagogia tradicional entre os povos indígenas, cabendo aos adultos apenas dar condições para o desenvolvimento do corpo dessas crianças. Para a autora a criança se socializa na medida em que participa do convívio social e por isso retirá-la desse convívio é tirar a sua autonomia.

Essa pedagogia de que fala Tassinari está totalmente ligada ao que a autora trata como “*a produção de corpos saudáveis*” o que no meu entendimento tem tudo haver com a realidade Laklãnõ. As crianças são dispostas e estão em tudo o que os adultos estejam fazendo no seu dia a dia e por isso Manoel Mõkónã, uma das pessoas pesquisadas, já mencionada neste texto, diz que cortar lenha, treinar com arco e flecha, pescar, nadar, mergulhar, correr, transportar pequenos cestos com alguns pertences, ir à roça, etc. não era considerado um trabalho, mas sim o passo a passo da formação de uma pessoa Laklãnõ.

2.2. A infância no ciclo de vida Laklãnõ

O Povo Laklãnõ historicamente viveu no território que compreende as florestas entre o litoral e o planalto sul do Brasil. Nesse vasto território mantinha os seus usos, costumes, língua, crenças e tradições, que lhes eram passados de geração em geração, através da oralidade e das convivências e manejo dos recursos naturais, imprescindíveis para a sua reprodução física e cultural. Era nesse território que a vida Laklãnõ se definia e era ali que criavam e educavam os seus filhos.

Com a chegada dos europeus, principalmente durante o período da colonização do sul do Brasil, esse povo sofreu um grande impacto, tanto nos aspectos culturais, quanto territoriais, o que prejudicou drasticamente a sua cultura. A partir do ano de 1914, ano do primeiro contato pacífico entre os Laklãnõ e funcionários do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais – SPIILTN, conhecido por nós Laklãnõ apenas pela sigla SPI, a cultura tradicional desse povo passou a sofrer modificações que até hoje não cessaram e muitas destas modificações, foram impostas através, principalmente da escola e da igreja, ou melhor, falando, pela antiga escola. Dentro desse mesmo discurso, sempre é bom ressaltar que muitos aspectos importantes da nossa cultura foram afetados de forma que levou até ao esquecimento destes, pelo povo.

Segundo a tradição Laklãnõ, e aqui considerando os informantes e também os próprios conhecimentos que possuo por fazer parte do povo e também o que me foi relatado com mais precisão por Namblá Gakran durante conversa informal oral, nós costumamos dar mais atenção para os meninos, não que as meninas sejam reprimidas pelos pais, mas pelo fato de na tradição os homens serem dominantes, ou seja, são maiores que as mulheres em status e por esse fato elas são educadas e formadas para seguir esse costume. Entre os Laklãnõ, quando o filho homem chegava aos dez anos de vida, o que ainda é perceptível em muitas famílias consideradas na TI como tradicionais, ou seja, aqueles que ainda mantêm firme a tradição eram uma das fases mais importante da vida dele para os pais, pois tinha início a fase da adolescência (adulta para os Laklãnõ) considerando as fases de vida do homem não indígena. Quando o corpo do menino iniciava as modificações biológicas era a fase mais importante para os pais, o que significava que o filho estava se tornando homem. Bem mais importante era quando o filho praticava o ato sexual pela primeira vez, o que significava que ele era um homem perfeito, entretanto mesmo tendo todo esse reconhecimento dos pais, não significava que ele estaria pronto para se casar, que só iriam acontecer entre os vinte cinco e trinta anos de idade.

Enquanto isso, a filha mulher era vetada de dar opinião nos afazeres do pai e em tudo mostrava-se mais submissa aos pais do que os meninos que são mais livres em seus afazeres. Tradicionalmente o pai tem um poder (domínio) muito forte sobre a filha, tanto que ela não poderia escolher seu conjugue. Quem podia escolher era seu pai, sem

o consentimento dela, que a partir da primeira menstruação era considerada pronta para o casamento por que já havia se tornado mulher. Mesmo não gostando do homem escolhido pelo seu pai, ela tinha que obedecer as regras do seu povo. Na maioria das vezes, o tempo de convivência fazia com que ela gostasse dele. Nos dias atuais, devido o contato com a cultura não indígena a partir do ano de 1914, a prática de escolha dos conjugues das filhas pelos pais aos poucos foi deixando de fazer parte do dia-a-dia das famílias Laklãnõ.

No que diz respeito à infância Laklãnõ, no âmbito dos rituais de passagem Gakran (2005, p.23) nos relata que:

A maior festa⁸ dos Laklãnõ acontecia por ocasião da furação dos lábios dos meninos (glókózy⁹), onde vários grupos se reuniam comemorando com danças (ägglan¹⁰) e muita bebida feita à base de mel, água e xaxim e depois de pronta chamada de **mõg**. Com três a cinco anos de idade os meninos tinham botoques inseridos no lábio inferior. As meninas, com a mesma idade recebiam tatuagens ou marcas na perna esquerda, abaixo da rótula. Os padrinhos responsáveis pela perfuração labial e também pelas tatuagens eram os mesmos que enterravam o cordão umbilical da criança ao nascer e que, mais tarde, acompanhariam o desenvolvimento e socialização das crianças até a fase adulta. [...] Atualmente não há mais cerimônias de iniciação tradicionais nem para meninos, nem para meninas [...] entre os Laklãnõ mais velhos, mantém-se ainda viva a crença de que o espírito da criança, depois de morta, retorna para os pais.

No decorrer da minha pesquisa, pude e, em conversas com mais membros do povo, descobrir outros elementos da vida Laklãnõ, os quais expus em duas tabelas esquemáticas para visualizar como este povo indígena define a infância e as demais fases da vida no seu contexto tradicional

8 A maior festa dos Laklãnõ (Xokleng) era chamada de “**Jëltxán**”, que é o ritual de marcação das crianças, a partir da qual a criança tornava-se membro social do povo, ou seja, o Ritual de Passagem.

9 Glókózy é a furação dos lábios dos meninos e a introdução do botoque “Glókózy”.

10 Ägglan é festa no sentido geral (festa em movimento, por isso também pode significar dança, baile, balada, etc.).

Tabela 1 – Fases da vida Laklãnõ

CRIANÇA	ADOLECENTE	JOVEM	ADULTO	VELHO
- JÊL PÓ TAG <i>Recém-nascido</i> - JÊL PÂN TÔ TYG GE <i>Criança que se mexe sozinha</i> - JÊL NÊGTÊ <i>Criança que engatinha</i> - JÊL LÓLÁ <i>Criança que começou andar</i>	- TÁ TAG KATXIN <i>Mocinha (considerada já adulta)</i> - KÁLU (já adulto) <i>Rapaz</i>	TÁ TAG <i>moça</i> KÁLU <i>Rapaz</i>	KÓNHGÁG <i>Homem</i> TÁ <i>Mulher</i>	- KUZÓ TÔ KÓNHGÁG <i>Velho</i> - KUZÓ TÔ TÁ <i>Velha</i> KUGZÓ <i>Velhos</i>

Tabela 2 – Ações de cada fase na vida do indivíduo Laklãnõ

CRIANÇA	ADOLECENTE	JOVEM	ADULTO	VELHO
- Só mama - toma leite em pó - come alguns alimentos dos adultos - não estudam até os 4 anos de idade e a partir de então, atualmente vão para o pré-escolar - participa da vida social com a família - faz algumas atividades dos adultos (varrer a casa, lavar louças, cortar lenha)	- Dependendo das famílias, alguns adolescentes já ganham autonomia de fazer tudo com liberdade; - alguns continuam dependentes dos pais - todos estudam; - ajudam nos trabalhos domésticos, como limpar a casa, lavar louça, cortar lenha, etc.	- trabalham para ajudar na renda familiar; - Estudam; - Têm autonomia para sair à festas, jogar futebol e outros eventos com os amigos; - casam e têm filhos;	- são chefes de famílias; - têm casas próprias; - são professores, técnicos de enfermagens, AISAN, AIS, agricultores, etc.; - Recebem bolsa família; - São funcionários em empresas madeireiras, frigoríficas, mercados, facção, da região; - Trabalham com os colonos da região	- Vivem com os filhos; - São aposentados e pensionistas do INSS; - Dependem dos filhos para preparar o seu alimento quando não conseguem mais fazê-lo; - Dependem dos filhos para lavar a roupa e inclusive para receber o pagamento e fazer as compras;

Informo ao leitor que nas tabelas acima apresentadas, utilizei-me dos termos usados para definir as fases de vida em contexto não indígena para me situar tanto nas definições tradicionais, utilizadas pelos Laklãnõ, antes do contato e depois desse evento - considerando neste caso o período até por volta dos anos de 1980, quando ainda existiam pessoas que tiveram felicidade de serem criadas (formadas) antes do contato com Hoerhan e vivenciaram todas as consequências desse impacto sociocultural. É claro que fica a dúvida a respeito do por que utilizar os termos adolescente e jovem, uma vez que defendo a tradição de que existam apenas duas fases no ciclo de vida: a infância e a fase adulta. Utilizei esses termos por que na atualidade os Laklãnõ utilizam esses termos para definir as fases de sua vida, o que se deve ao fato desse processo de contato com a cultura não indígena.

Percebe-se que no contexto da Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ a situação da criança, é totalmente diferente do contexto não indígena. Elas participam das conversas sem receber nenhuma repreensão ou proibição pelo fato de estarem no meio dos adultos, cabendo destaque também para a forma de como elas brincam e circulam entre os adultos, como lidam com o espaço sem limites, o que no contexto urbano seria delimitado por cercas e divisórias de lotes e quintais e em termos mais específicos o controle de tempo e espaço. É também muito difícil ouvir uma pessoa adulta emitir qualquer grito ou repreensão a alguma criança. Essa constatação mostra um espaço e uma organização social na qual a criança tem liberdade para se movimentar e os adultos reconhecem cada criança como se fosse também seu filho. No mundo tradicional do povo Laklãnõ a paternidade e a maternidade são meras formalidades legais, pois todas as crianças são como se fossem filhos da comunidade e por isso todos os adultos se sentem responsáveis por todas as crianças. As crianças são produtoras de seus próprios conhecimentos os quais são todos adquiridos através das vivências com o mundo adulto. Nesse sentido o pai é responsável em transmitir o caráter aos seus filhos e a mãe as responsabilidades domésticas e exteriores às filhas, além de ensinar o filho a ser igual ao seu pai.

Dentre as mudanças ocorridas com o passar dos anos e devido às experiências de contato, há a atual reivindicação de alguns pais de crianças pequenas, para a formação de turmas de educação infantil, pois aquela forte interdependência que tinham com a natureza, deixou de fazer parte de seu cotidiano e agora precisam trabalhar fora da aldeia para garantir o seu sustento. Mesmo assim, não deixaram de apoiar a sistematização de um ensino voltado para a revitalização da língua e sua cultura, importantes para manter vivos os valores e métodos tradicionais de educação e formação do indivíduo Laklãnõ.

Cada povo tem as suas concepções de infância e um método específico de lidar com essa questão e isso é o que os diferencia culturalmente uns dos outros. No mundo indígena, sempre existiu para a criança uma liberdade de território, autonomia, independência, mas só recentemente, conforme diz Tassinari (2007, p.12) que, a antropologia tem se dedicado a *“uma abordagem atenta às crianças como sujeitos sociais e não apenas como objetos passivos da educação”*. Conforme vimos, dentre os aspectos mencionados pela autora nas pesquisas antropológicas sobre infância encontra-se a fabricação de corpos, tema que se fazia presente em diversos estudos sobre povos

indígenas da América do Sul (Seeger et al, 1978 apud Tassinari), mas que não era estudado com foco na infância.

Assim, considerando que as crianças Laklãnõ desde cedo participam das situações cotidianas da comunidade; que os adultos as permitem assistir e vivenciar tudo o que diz respeito a sua identidade social e cultural; e que o brincar, tal como nos diz Gakran (2005) pode ser entendido como uma preparação para a vida adulta, optei por descrever os aspectos da infância Laklãnõ que são produzidos na corporalidade tradicional do povo, por que o que eu entendo como corporalidade é tudo o que diz respeito as atividades com o nosso corpo e quem mais usa o corpo do que as crianças?

2.3. Características da infância Laklãnõ

Atualmente o povo Laklãnõ apresenta uma grande preocupação com a segurança das crianças. As pessoas pesquisadas alegaram ter o que chamam de *medo de tudo*: medo de seu filho (a) se machucar, medo de influência de outros no comportamento de seus filhos, medo das legislações da infância, medo do tráfico de drogas, medo da violência que tem aumentado, medo da movimentação de muitos carros na TI, medo de ser mal falado, insegurança – tudo em função da quebra do sistema tradicional conforme relatam os informantes e isso é perceptível quando me deparo com alguns pais proibindo seus filhos de saírem na rua para não sujarem a roupa e assim por diante.

Enquanto membro da comunidade percebo que se os adultos não estão mais próximos, ou se relacionando coletivamente e como consequências disso temos o afastamento das crianças do contexto tradicional. As concepções políticas e a entrada de Partidos políticos têm contribuído para a separação entre as partes, pois a divisória partidária faz com que surjam vários grupos políticos, cada qual defendendo o seu lado. Para compreender isto, é necessário fazer uma análise detalhada do contexto histórico que levou a essa situação, mas penso que deve ser feito de duas formas: Alguns deverão pesquisar para entender os porquês das mudanças e outros devem mudar o jeito de pensar e de agir dessa forma para poder se situar em alguma possível solução para essa problemática.

Explico aqui o porquê de falar nesses dois últimos parágrafos sobre os adultos. Ao refletir sobre a formação de uma pessoa Laklãnõ é difícil situar-se fora do mundo dos adultos, pois é com base e nos efeitos que ocorrem com os adultos é que se dá essa formação. Como mencionei que devido o fato de os adultos se dividirem devido a vários fatores do contato, as crianças sofreram um impacto muito maior do que os próprios adultos, por que nota-se que as gerações que estamos formando estão fugindo totalmente do modelo tradicional, pois já se formam com essas diferenças político-sociais.

A criança Laklãnõ ao nascer depende exclusivamente dos adultos até a fase que ela consegue engatinhar. A partir daí ela começa a ter independência que aos poucos vai se expandindo até se tornarem independentes dos pais (adultos). Passado a fase de dependência, a criança Laklãnõ passa a exercer algumas funções e papel na família como, por exemplo, o cuidar dos irmãos mais novos, limpar a casa, lavar a louça, dobrar roupa e etc, tarefas principalmente das meninas. Além destes é bom ressaltar que brincar e aprender, tudo faz parte do desenvolvimento da criança no contexto Laklãnõ. Outra observação importante que fiz durante esta pesquisa é que as crianças não são proibidas de estar no meio dos adultos, de participar de conversas sem receber admoestações, isso quando se trata de assuntos de aprendizagem para elas. Todas as crianças são respeitadas pelos adultos.

Conforme exposto na tabela 1, a infância Laklãnõ, compreende as seguintes fases:

1. *JÊL PÓ TAG* = Recém-nascido;
2. *JÊL PÂN TÕ TYG GE* = Criança que se mexe sozinha;
3. *JÊL NÊGTÉG* = Criança que engatinha;
4. *JÊL LÓLÁ* = Criança que começou andar;
5. *JÊL* = criança.

O recém-nascido se alimenta exclusivamente do leite materno até o terceiro ou quarto mês, a partir do qual já lhe é servido alimentos mais fortes consumidos pelos pais como carne, pão, sopa e etc.

A partir de quando a criança começa a engatinhar ela passa a ser mais independente dos adultos e a liberdade de território passa a ser uma busca constante. Na tradição há uma simpatia para a criança andar rápido que é a de passar na sola dos pés

um bichinho conhecido como “paquinha” e depois o animalzinho é solto na natureza. Acreditam que o espírito desse bichinho, que por sinal é muito andarilho e rápido, ajuda no desenvolvimento dos membros inferiores das crianças, dando-lhes habilidades para andarem rápidos, antes do normal, que ocorre a partir dos dois anos de idade em diante. O nome desse animal em Laklãnõ não me foi informado pelos interlocutores, mas continuarei a pesquisar sobre esse assunto com outros anciãos para descobrir, pois para mim é muito importante aprender sobre esse animal e o seu nome por ser sagrado, dentro da espiritualidade tradicional e no desenvolvimento das crianças.

Para os Laklãnõ é regra a criança crescer com saúde, tornando a fartura na mesa dos mesmos uma obrigatoriedade e elas não são proibidas de se alimentar a vontade até se fartarem; nesse sentido as crianças comem tudo o que os adultos comem. A criança que não ganha a liberdade de território geralmente fica doente e isso é considerado uma doença de espírito e não física, somente podendo ser curada quando esta conseguir essa liberdade. Por exemplo, quando ela não pode brincar na chuva, não pode ir à lama para não sujar a roupa, não pode brincar lá fora, não pode comer o que quer, dentre outros, isso causa doença no espírito da criança e esta pode, segundo a crença, a desgostar de viver naquela família e o seu espírito pode ir embora. O umbigo do recém-nascido deve ser enterrado na raiz de uma árvore para que a criança possa se desenvolver com saúde ter saúde e vida longa. Esta árvore jamais pode ser cortada para não quebrar o efeito da simpatia.

Os processos de aprendizagem entre os Laklãnõ começam desde o nascimento e acabam com a morte. Conforme descrevi em páginas anteriores, tradicionalmente, a criança passava a ser considerado membro social do povo a partir do ritual de passagem, onde o menino tinha o lábio inferior furado e a introdução do “Glókózy” (botoque) e a menina tinha os joelhos medicados. Atualmente não há mais ritual de passagem. Neste sentido, tanto no tradicional quanto na contemporaneidade, é totalmente da criança a responsabilidade de aprender, por isso desde cedo ela compartilha do mundo dos adultos sem admoestações e o aprendizado é acompanhado mais de perto pela mãe do que pelo pai. Também por estas razões, observar suas brincadeiras, nos permitem compreender a importância de tais práticas corporais para a produção social de pessoas entre os Laklãnõ.

Os modos de transmissão de saberes (entre adultos e crianças, entre crianças e crianças) são através da oralidade e os adultos não se restringem de suas ações diante de uma criança, pois ela deve aprender todas as coisas que determinarão o seu caráter como pessoas Laklãnõ. As restrições são só sobre sexualidade e isso só os adultos é quem podem falar sobre, mas mesmo nesse caso as crianças não são afastadas do meio dos adultos, mas são os adultos quem se afastam para falar sobre esse assunto ou nem se fala disso em casa, na presença de crianças. Os mais jovens respeitam os mais velhos que são considerados donos de mais conhecimentos e experiências de vida e por isso, os que têm autonomia para transmitirem de forma oral e de ações os seus conhecimentos para as gerações mais novas.

Após o *VÃNHKALA* (contato com Eduardo Hoerhan em 1914), a cultura tradicional do povo sofreu um impacto muito grande e isto pode ser observado quando vemos que muitas crianças não brincam mais entre si e que os pais adquiriram aparelhos eletrônicos como televisão e mais recentemente, videogame, celular e por último computador e internet. Tudo isso têm contribuído para muitas mudanças no sistema tradicional de ensino e aprendizagem.

CAPITULO III – O banho de rio, a barragem e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ.

3.1. Os banhos de rio e a infância Laklãnõ

Ao falarmos em “banho de rio”, no senso comum, pode-se imaginar simplesmente que é uma prática sem significado qualquer e que não pode ser classificada em nenhum aspecto esportivo, visto que não é seguido de uma regra e não há competitividade proposta pelos esportes. Essa forma de classificar toda e qualquer atividade corporal realizada por qualquer indivíduo tira todo o significado daquilo que não foi catalogado e determinado como esporte. Mas uma questão nos fará buscar uma explicação para o que Tassinari (2014, p.163) trata como a tendência de os não indígenas separarem tudo o que no contexto indígena acontecem em conjunto, quando diz:

Ao separarmos de forma tão inequívoca os tempos e espaços do lazer e do trabalho, do sagrado e do profano, da produção e da diversão, da aprendizagem e da prática profissional, temos uma tendência em fragmentar os significados e a importância de práticas corporais indígenas no âmbito de uma ou outra dessas dinâmicas.

Por isso que o ato do “banho de rio” seja para os Laklãnõ ou para qualquer povo indígena significa um momento de diversão, de lazer, de socialização e principalmente de aprendizagem, sendo que tudo isso acontece de forma conjunta e dinâmica de maneira que uma criança aprende várias coisas ao mesmo tempo, proporcionando a ela uma grande riqueza moral e social, o que levará consigo a vida toda. Mas o que as crianças indígenas aprendem durante o “banho de rio”? Eis uma questão que todos devem estar se fazendo ao analisar esta temática. Um dos aspectos fundamentais nessa questão, o que Tassinari (2007) considera como autonomia das crianças indígenas, traduz perfeitamente a realidade do sistema de ensino e aprendizagem entre os Laklãnõ; uma vez que a responsabilidade de ensinar não está nos ombros dos adultos, mas da própria criança em aprender o que os adultos fazem, como por exemplo, o “banho de rio” ou nadar em outro termo. Esta autora, conta que passou o mês de janeiro de 2010 entre os Galibi-Marworno e fala sobre esse aspecto:

Foi também através do assombro dos Galibi-Marworno sobre nosso modo de vida que pude me aproximar de algumas de suas ideias sobre ensinar e

aprender, sendo que a mais importante a pontuar aqui é a de que “para uma criança aprender, crescer forte, entrar no ritmo da aldeia, é preciso soltar” (nas palavras do Cacique Paulo Silva), ou seja, deixa-la solta com os primos e irmãos para brincar na aldeia. Só assim vai “criar o corpo da aldeia” (TASSINARI, 2014, p 165-166).

Durante o “banho de rio” é comum ver adultos e crianças se banhando no mesmo local. Isso acontece por que as crianças não são proibidas de participar da vida cotidiana dos adultos, pois só assim é que conseguirão se tornar definitivamente pessoas Laklãnõ. Tradicionalmente a prática de banhar-se no rio era um hábito de todos os Laklãnõ. Segundo as pessoas pesquisadas, assim que amanhecia o costume de todos, antes de qualquer outra coisa, era de dar um mergulho nas águas geladas do rio. Acreditavam que um banho frio todas as manhãs rejuvenescia a pele e não ficavam velhos logo. Essa tradição continuou após o *VÃNHKALA*¹¹ (Contato com Hoerhan em 1914) e era praticado tanto pelos adultos quanto pelas crianças. E durante o banho de rio praticavam diversas brincadeiras, das quais pude coletar algumas que apresentarei a seguir, dando explicação de seus significados. Em alguns casos, usarei o termo em Laklãnõ, pois as brincadeiras tradicionais não tem tradução em português.

Durante o banho de rio os adultos praticam suas brincadeiras entre eles e as crianças entre elas, pois crianças não seriam páreas para competirem contra os adultos, mas o que acontece é o cuidado que os adultos tem para com as crianças, principalmente quando alguma delas ainda não sabe nadar e por isso deve receber atenção dos adultos para evitar um afogamento acidental. Por isso os adultos costuma banhar-se próximo às crianças para não perderem a atenção nelas. Em outros casos, os próprios adultos ensinam as crianças a nadarem e também fazem demonstração de algumas práticas corporais para o aprendizado dos pequenos.

*BLO*¹² – significa o ato de banhar-se no rio. Atualmente usa-se este termo para referir-se ao banho de chuveiro.

¹¹ Na literalidade podemos dizer que é significa ligar-se um ao outro ou num sentido mais adequado como me disseram os interlocutores: Aliança.

¹² O banho de rio, como expliquei em rápidas palavras neste texto vai muito além de um simples ato de higiene pessoal como é o caso do banho de chuveiro, embora esse termo é utilizado também para definir o banho de chuveiro. Para entender melhor é preciso analisar todo o contexto do banho de rio “blo” que vai muito além de um simples banho, mas de uma complexidade de aprendizado e de formação da pessoa Laklãnõ, enquanto que no chuveiro simplesmente acontece a higiene sem aprendizado algum.

KLO – brincar

KÓZY KÓNĀG – significa a prática de procurar uma pedra no fundo do rio. Joga-se uma pedra e alguém diz já e todos os banhistas mergulham a procura da pedra lançada. Marca ponto o banhista que encontrar primeiro. Praticava-se esta brincadeira para treinar a resistência em baixo da água, pois no contexto Laklãnõ ser um bom mergulhador e mais resistente, rendia certo tipo de fama para o banhista.

VĀNH KUGMĒG – pega-pega no rio ou “pego” como dizem os Laklãnõ nos dias atuais. Escolhe-se um pegador e um “fráio”(local ou objeto no qual não podem serem pegos) e inicia-se a brincadeira. O pegador tenta pegar alguém que se mergulha, obrigando o pegador a mergulhar atrás do mesmo. Se pegá-lo, passa o poder de pegador para este e a brincadeira segue.

GOJ KALĀG - significa o ato de atravessar o rio. Neste caso específico, atravessar à nado. Vários banhistas se desafiam para ver quem chega primeiro na outra margem do rio. Escolhem um local para o salto e a pessoa que está coordenando o desafio, geralmente quem está fora do desafio, ordena que eles partam e assim começa a luta para chegar do outro lado do rio. Algumas vezes o desafio é duplo, ou seja, os nadadores devem ir e voltar para daí sim ser conhecido o vencedor da prova.

VĀZÓKĀGJĀN – é uma brincadeira que se realiza com uma pessoa que lança as outras do seu ombro de modo que o que está sendo lançado deve virar uma pirueta antes de cair na água. Para isso, o lançador segura as duas mãos da pessoa a ser lançada e se agacha no fundo da água para que a pessoa possa subir em seus ombros com um pé em cada ombro do lançador. Feito isto, o lançador toma impulso e lança a pessoa. Este mesmo tipo de brincadeira também praticado de cima dos barrancos altos, nos quais os banhistas correm e se arremessam na água, fazendo piruetas antes de cair no rio. Hoje em dia, muitos banhistas Laklãnõ fazem saltos mortais, tanto de costas quanto de frente.

GOJ KI PUN GE JÓ: essa brincadeira é um desafio para saber quem consegue permanecer submerso por mais tempo. Então há um coordenador que marca o tempo de cada banhista. Todos os participantes postos e são autorizados que mergulham juntos e quem permanecer por mais tempos em baixo da água, marca ponto. Após alguém marcar os pontos combinados previamente, a brincadeira é encerrada.

GOJ JÃNBE MÊ JYM GE - Os banhistas preparam com lama do rio uma espécie de tobogã tradicional Laklãnõ e se deslizam por ele caindo na água. Geralmente se faz os tobogãs em terrenos inclinados para o rio, mas os mais corajosos procuram um barranco alto, que também deve ser inclinado para o rio e praticam esta brincadeira. A adrenalina é mais forte e mais emocionante, pois com a velocidade que o banhista desliza, ele chega voar antes de cair no rio.

KAGKLO GỸNH – essa é uma brincadeira na qual os banhistas se desafiam para ver quem faz mais peixinhos, arremessando pedrinhas chatas sobre as águas de forma que ela vá pulando e batendo nas águas até afundar. Cada batidinha que a pedra dá na água, o arremessador conta um ponto. Ganha quem fizer mais peixinhos.

Goj Bág mẽ Klo¹³

Blo: *Vãtxỹ ka ãg tõi goj bág mẽ blo kég ke jó kabel vã, jãgló nã ãn tóg te li ãg tõi ãg nẽ jó ki blo kég ke tóg ha to nã, ãg tõi goj bág mẽ blo kég ke te tovanh mũ;*

Kózy Kónãg: *Kózy te tõi óg goj te ki zun kũ kónãg gég ke jó kabel vã. Kózy te tõi goj te ki zun kũ óg, to ãn jãg jã te vũ óg mõi “vãha!” kég ke kũ óg gonh te ki pun ge kũ kónãg gég ke mũ. ãn tõi kózy ã ta te ve vén mũ ã ta vũ vãnh mõi ã lán gég ke mũ.*

Goj ki vãnh kugmẽg tõi klo kabel:

- *ã tõi óg kugmẽnh ke ha zãg vén gég ke óg mũ.*
- *Vel ãn ki óg kugmẽg vanh zãg ban gég ke óg mũ.*
- *Kól kũ óg vãha klo ké ke mũ. Kũ ã tõi óg kugmẽg ke te óg du blo ké ke kũ óg ti jo gonh te ki pun gé ke kũ ta óg du ki pun ké ke mũ. Ti tõi ã kugmẽg mũ ã ta ha vũ vãha mẽ óg kugmẽg gég ke mũ.*

Goj ka lãg ge jó: *ãg glo jó tóg te ki óg ã blo ã ta te kũ goj bág te ka lãg gég ke mũ. Kũ óg zé vãtxo vagzun kũ ã tõi goj jógtanh ã te tá tavi vén mũ te jé óg jógzẽn gég ke vã. Kũ ã tõi óg klo te ka óg blé jã tũ ha vũ óg mõi tõi lẽl jã kég ke mũ, kũ óg gonh zyl ã kónã kũ ki vãnhõ blé goj te ki lãglãg gég ke mũ.*

¹³ Tradução de Marcondes Namblá, autor deste trabalho, com revisão e correção de Namblá Gakran, Linguista Laklãnõ.

Goj ki Văzókágjăn: Ũn blo nōdē mŭ óg ki ũ vŭ óg zun kég ke mŭ. Kŭ ũ te óg ti jănmoğ klē japly kŭ ta goj te ki óg zun kŭ óg ẽ tō goj ki vál jobág ki óg văzókágjăn kég ke mŭ. Āgglo tó te óg vel goj jăn bel ki óg liké keg ke mŭ. Kŭ óg goj ti zyl tóg ge to ból ka mŭ kŭ lăglăg kég ke mŭ.

Goj jănbe mẽ jym ge: gó kănhglo tō óg goj jănbe to klē kagklél mẽ vin kŭ ló mẽ jymjym gég ke mŭ.

Kagklo gŷnh: tóg te ki óg vŭ, ũ tō kózy tō kagklo tō goj kle blo tęg hâta li tō ken kég ke mŭ. Kŭ óg zé jóvig gég ke mŭ. Kózy gŷnh tapél gég kŭ óg lęg gég ke kŭ ta goj te mẽ txun txun tē ké ke ã ta to óg tō kagklo gŷnh tan gég ke vă,

Goj ki pun ge jó: Tóg te ki óg vŭ, ũ tō goj ki pun ke téj ve jé óg jóvig¹⁴ gég ke vă. Kŭ ũ óg tō zăg mŭ ã ta te há vŭ óg mō tō lěl jă kég ke mŭ. Kŭ óg văjō blé goj te ki pun gég ke mŭ. Ũ tō ũn te óg pate goj te klăm nē téj mŭ ã ta vŭ vănh mō lán gég ke mŭ. Kŭ óg, ẽ tō vănhklē tō klōg ge kan ã ta te kŭ óg ẽ klo te kógtăm¹⁵ kég ke mŭ.

Abaixo, algumas imagens de brincadeiras no rio:



Acervo, Marcondes Namblá, 2013

¹⁴ jóvig – desafio, lutar.

¹⁵ kógtăm – encerrar, dar ponto final [em algo que está realizando].



Acervo, Marcondes Namblá, 2013



Acervo, Marcondes Namblá, 2013



Acervo, Marcondes Namblá, 2013



Acervo, Marcondes Namblá, 2013



Acervo, Marcondes Namblá, 2013





Acervo, Marcondes Namblá, 2013

Essas são algumas das brincadeiras praticadas pelos Laklãnõ durante o seu banho de rio. É bom ressaltar que todas essas brincadeiras aqui citadas são praticadas por todos os banhistas, independentemente de idade ou gênero. O que diferencia as competições é que os adultos disputam entre adultos e crianças entre crianças. As mulheres não são separadas dos homens na prática dessas brincadeiras e praticam essas brincadeiras conjuntamente com estes.

Nesse contexto, é preciso destacar também que o modo tradicional do “banho de rio” sofreu algumas alterações após a construção da Barragem Norte. Um dos principais efeitos sofrido pelo povo Laklãnõ e que afetou na prática do tema em questão, foi a divisão de uma única aldeia em várias outras, pois desde a primeira enchente ocorrida nos anos de 1980 (FRAGA e KLUEGER, 2010) o povo se dispersou do vale para as encostas dos morros, surgindo assim novos povoados, hoje todas aldeias (oito no total).

Essa saída para outras regiões da terra indígena gerou a divisão coletiva do povo entre si e conseqüentemente a divisão política, desestruturando o sistema de organização social tradicional Laklãnõ. Então os prejuízos não foram unicamente ambientais como se pensa. A Barragem Norte causou um impacto socioambiental e este termo talvez dê conta de interpretar o sentimento que os Laklãnõ hoje sentem ao se referirem à este empreendimento tão importante para a sobrevivência da população do Vale do Itajaí.

Segundo Fraga e Klueger (2010, p.11):

A década de 1970 seria marcada por modificações profundas na vida do aldeamento. A construção da Barragem Norte colocaria as terras aráveis, a madeira das margens do rio e as benfeitorias em condições de alagamentos, gerando numerosos conflitos entre índios e madeireiros. Tal processo causou um enorme desgaste econômico, político, ambiental e social, inserindo a comunidade indígena num alto contexto de tensões, que passou pelos anos de 1980, 1990, 2000 e continuarão por muitas décadas, ainda, neste século, até que se encontre uma solução definitiva para os problemas inerentes aos índios de José Boiteux – a pobreza a que foram introduzidos e sua dependência em relação à sociedade regional –, mas, e acima de tudo, até ser possível evitar a irracional exploração das riquezas naturais da Reserva.

Pontuando a dimensão da barragem, estes autores destacam:

A Barragem Norte está localizada a 12 km a montante da cidade de José Boiteux. Sua bacia hidrográfica controla uma área de 2.318,00 km². Tal obra de engenharia é considerada a maior barragem brasileira com finalidade de contenção de cheias;[...] (FRAGA e KLUEGER, 2010, p.05).

Após a construção da barragem o que se pode ver até os dias atuais é que nos anos iniciais após sua construção, o nível do rio aumentou significativamente, tornando as águas que antes eram límpidas em águas turvas e barrentas e impróprias para o banho. Conforme o tempo foi passando o que mais aconteceu é que em todo o rio criou lodo, tornando as águas com cheiro desagradável, afastando por muitos anos os banhistas que não se interessaram mais pelo banho de rio, surgindo com isso uma geração que desconhecem a arte de nadar e de praticar as brincadeiras de rio como as gerações anteriores. Os barrancos que antes da barragem eram muito apreciados pelos Laklãnõ agora tornaram-se lamentos e sem condições de serem utilizados, sem contar que a mata ciliar que era imprescindível para o ciclo de vida no rio, hoje encontra-se toda desvitalizada gerando uma grande quantidade de entulhos em épocas de cheias, o que também contribuiu para o desaparecimento de muitas espécies de peixes como é o caso do cascudo que vive em lugares pedregosos, encontrado nos dias atuais só abaixo do eixo da barragem, mas em pouca quantidade.

3.2. Os Laklãnõ e seus locais de “Banho de rio” antes e após a construção da Barragem Norte.

O Rio Hercílio ou Itajaí do Norte é o principal afluente da margem esquerda do Rio Itajaí-Açu, que é formado pela confluência dos rios Itajaí do Oeste e rio Itajaí do Sul, na cidade de Rio do Sul, 12 km a montante da cidade de José Boiteux (FRAGA e KLUEGER, 2010). Suas águas de cor escura remetem muito a paisagem local que é formada por floresta ombrófila densa, característica principal da floresta Atlântica. O seu leito atravessa a Terra Indígena de norte a sul, atualmente passando pelas aldeias Coqueiro, Figueira e Palmeirinha à margem esquerda. As aldeias Toldo, Sede e Pavão à margem direita. Há ainda a Aldeia Bugio que situa-se a 60 km da margem direita do Hercílio em uma região de planalto e a Aldeia Barragem, criada em setembro de 2010 que está situada basicamente no antigo canteiro de obras da Barragem Norte e seu perímetro abrange as terras indenizadas pela construção da barragem e que fora doada para usufruto da comunidade indígena Laklãnõ através de um convênio assinado pelo extinto DNOS (Departamento Nacional de Obras e Saneamento), FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e comunidade indígena no ano de 1981.

Para se entender um pouco mais a respeito da temática aqui abordada, devemos mergulhar um pouco na história do povo Laklãnõ. Falando em organização social tradicional dos Laklãnõ, se estruturavam em grupos exogâmicos que se identificavam pelos nomes pessoais e pelas pinturas corporais e que após o *VÃNHKALA* (Contato com Eduardo Hoerhan em 1914) passaram por uma série de arranjos e uma quase que total dependência da sociedade regional.

Segundo Fraga e Klueger (2010, p.10) em citação a Goulart e Fraga (2000):

Depois dos dramáticos acontecimentos da pacificação, representando uma dolorosa fase de adaptação dos Xokleng à sociedade regional e às agências governamentais, o papel de Hoerhann passou a ser o de forçar os índios a assimilar os elementos culturais da civilização europeia e evitar a contaminação por doenças; isso, porém, não ocorreu. Um dos maiores impactos sofridos pelos Xokleng no contato com os não-índios foram as doenças que estes lhes transmitiam.

Esses autores mencionam muito bem as consequências dramáticas ocorridas ao povo Laklãnõ após o *VÃNHKALA* (contato com Eduardo Hoerhan em 1914) e isto

apenas foi o início de uma tragédia cultural que aconteceria anos mais tarde com a construção da Barragem Norte. Dentre outros marcos deixados pela Barragem Norte na cultura Laklãnõ citamos também o envolvimento de trabalhadores não indígenas da barragem com os Laklãnõ dando abertura para o que alguns Laklãnõ denominam de miscigenação e fazendo surgir uma nova classe de Laklãnõ, se assim pode ser considerado. Surgem então os “mestiços” como bem dizem os próprios Laklãnõ, meus interlocutores quando se referem aos descendentes de casamentos entre Laklãnõ e não indígenas.

Embora essa prática tenha sido implantada entre os Laklãnõ por *KATAGÃL*¹⁶ anos após o *VÃNHKALA* (contato com Eduardo Hoerhan em 1914), quando proporciona o casamento entre um índio e uma descendente de imigrantes italianos em Ibirama, durante a construção da Barragem Norte, essa prática tornou-se livre entre o povo. Em muitos casos era preferível pelos pais que a filha moça se casasse com um “branco” a casar-se com alguém de sua própria cultura. Isso demonstra que o povo Laklãnõ, assim como todos os povos indígenas do Brasil, sofreu na pele a política governamentista de “integração” das populações indígenas à comunhão nacional.

E no mundo das crianças Laklãnõ o que aconteceu com a construção da Barragem Norte? Bem se olharmos para vários aspectos da infância Laklãnõ, veremos que da mesma forma como os adultos sofreram os impactos da barragem, as crianças sofreram as mesmas consequências que os pais e um pouco mais. Por que se tradicionalmente o Povo Laklãnõ se constituía de uma coletividade social, onde tudo era dividido entre todo o grupo, os alimentos, as casas, as lavouras eram do coletivo e não havia qualquer forma de opressão causada pela lógica do progresso. As crianças além de dividirem o alimento, dividiam os mesmo espaços e territórios para as variadas brincadeiras e o que é mais importante, dividiam também a aprendizagem e vivência no mundo tradicional em que estavam inseridas. Com a chegada da barragem e divisão estrutural do povo devido a enchente do rio, estas tiveram que se afastar uma das outras para seguir os pais. Uma mudança mais do que radical. Agora não estavam mais juntos dividindo os mesmo espaços e territórios.

16 Katagãl era o nome pelo qual os Laklãnõ chamavam Eduardo de Lima e Silva Hoerhan – Funcionário do SPI – responsável pelo primeiro contato pacífico com os Laklãnõ em 22 de setembro de 1914.

Já tenho falado um pouco do contexto tradicional de brincar e de prática do banho de rio, falei sobre a Barragem Norte e as consequências que ela causou para a população Laklãnõ e principalmente a respeito de como esta imensa obra de engenharia afetou a forma da prática do banho de rio, principalmente a poluição das águas e a divisão do povo, agora vamos falar dos locais onde se praticava e onde atualmente se pratica isto que estou chamando de “banho de rio”.

Durante os anos iniciais do *VÃNHKALA* (contato com Eduardo Hoerhan em 1914), a prática do banho de rio se realizava em dois pontos principais da terra indígena. O primeiro ponto ficava em frente da casa de *KATAGÃL* (nome pelo qual os Laklãnõ chamavam Eduardo Hoerhan), como podemos tentar imaginar através da foto abaixo de fonte desconhecida por mim¹⁷



Como se vê na imagem, há uma torre no fundo da foto bem próximo da margem do rio. Era esse o local, nessa região, segundo me foi informado, que as crianças praticavam o banho de rio, uma vez que do outro lado do rio, seus pais trabalhavam na lavoura. Quando digo que havia dois pontos principais para o banho de rio é por que o leito do Hercílio era raso em vários pontos e por isso se procurava um ponto com mais profundidade para banhar-se.

17 Esta foto foi enviada para mim, por Rafael Casanova Hoerhan e por isso desconheço a fonte.

O segundo ponto mais utilizado para o banho de rio, ficava de frente a primeira sede do Posto Indígena Duque de Caxias, atual Aldeia Sede, por se tratar de ser o centro do Posto e também por que a grande maioria dos Laklãnõ morava naquelas proximidades. Anos mais tarde foi construído um campo de futebol e os jovens, que praticavam o futebol banhavam-se nos finais de semana. Pouco tempo depois, mais precisamente nos anos de 1970 e 1980, antes do rio encher por conta da Barragem Norte, havia a “Prainha”. Prainha era o nome que foi dado a um local que fica a uns 200 metros acima da primeira sede do posto, a margem esquerda do Hercílio e se constituía de uma área formada de pedrinhas e cascalhos finos que dava uma aparência de praia, inundado pela cheia do lago da Barragem Norte. Esse foi um dos locais mais frequentados durante aqueles anos, tanto por crianças, quanto pelos adultos, inclusive por não indígenas da região e peões da obra da barragem. Esse lugar foi local de muitos encontros das jovens Laklãnõ com os “brancos” donde surgiram alguns casamentos e alguns casos de gravidez não assumida pelos pais. Fiz algumas buscas na tentativa de encontrar alguma imagem da “Prainha”, mas até o presente momento não consegui por que o tempo também não me permitiu por isso o que ouvi de algumas pessoas foi que se eu fosse com mais tempo daí juntamente comigo pegariam suas coisas e procuraríamos as fotos antigas suas e que possivelmente poderemos encontrar alguma imagem desse famoso lugar e também da antiga sede, imagens da década de 1980.

A Barragem Norte foi concluída no ano de 1989 e inaugurada no ano seguinte (FRAGA E LUEGER, 2011) e como até aquele momento o convênio de 1981 não havia sido cumprido pelo DNOS (Departamento Nacional de Obras e Saneamento), os líderes Laklãnõ resolveram invadir o canteiro de obras da barragem para pressionar o Governo Federal a cumprir o prometido. De março de 1990 à maio de 1992, os Laklãnõ ocuparam o canteiro e só aceitaram sair, para que a empresa construtora pudesse ter acesso à seus maquinários, todos interditados pelos indígenas, por que o governo (DNOS) decidiu pagar uma parte da indenização em dinheiro e também assinou um novo documento chamado de Protocolo de Intenções, no qual foram reafirmadas as benfeitorias em prol dos Laklãnõ, previstas no convênio de 1981.

Com a greve em ascensão, os jovens e as crianças tiveram que se adaptar a nova moradia e a sua nova realidade e território. Durante a “greve” que para os Laklãnõ significa o movimento organizado em defesa de seus direitos, os jovens recriaram a

prática do banho de rio, utilizando o local que chamavam de MOTOR. Esse nome se deve ao fato de que a bomba de captação de água para as famílias do canteiro de obras ficava no mesmo local, mas ao lado do barranco do qual os banhistas pulavam durante o banho.

Após a saída do canteiro de obras da Barragem Norte, mais precisamente no ano de 1993, notava-se que os Laklãnõ praticavam o banho de rio em diversos pontos da terra indígena. Mas não eram lugares específicos como a prainha, por exemplo. No ano de 1996, ocorreu a retomada de terras onde atualmente é a Aldeia Palmeirinha e como no princípio do movimento a comunidade se acampou em barracos à beira do Rio Hercílio, a prática de banho de rio tornou-se comum. O local escolhido era chamado de porto da *JUKLUG*, nome de uma senhora que mora naquela região até os dias de hoje.

Atualmente os moradores da Aldeia Barragem praticam o banho de rio nas proximidades da ponte velha conforme você pode ver nas fotos a seguir, onde várias crianças, jovens e adultos se reúnem nos finais de semana para curtir as águas geladas do Rio Hercílio.



Aervo pessoal, Marcondes Nambla, 2013.



Acervo pessoal, Marcondes Nambla, 2013



Acervo pessoal, Marcondes Nambla, 2013.

Como relatado anteriormente, “*BLO*” banhar-se, hoje também é usado para o banho de chuveiro. Essa parte do banho de rio, que trata da higiene, hoje pode ser feita em cada casa, não envolve mais a brincadeira e a aprendizagem coletiva. Já o “*KLO*”, a brincadeira, continua sendo realizada normalmente pelas crianças em dias de banho de rio.

Os banhistas de outras aldeias encontraram nas cachoeiras os lugares perfeitos para saciar a vontade de se banhar. Nos dias de verão, as duas cachoeiras mais famosas da terra indígena recebem vários banhistas no finais de semana. Há a cachoeira Esmeralda, situada na Aldeia Sede e a Cachoeira do Veado, na aldeia Pavão como podemos ver nas imagens abaixo:

Abaixo imagens da Cachoeira Esmeralda situada na Aldeia Sede, precisamente no Rio Platê, afluente do Rio Hercílio.



Imagens doadas para este trabalho por Eber Ricardo Kaipã Ndili¹⁸ em 2013, mas segundo o mesmo foram feitas no ano de 2011.

A seguir uma única imagem para citar ao leitor que na Aldeia Sede também existe outra cachoeira com nome de Cachoeira do Encontro, mas que é pouco visitada pelos banhistas Laklãnõ pelo fato de ela ficar em meio a mata fechada tornando suas águas super geladas, afastando assim os banhistas, apenas alguns jovens corajosos se embrenham na mata para curtir essa beleza natural como podemos ver abaixo:

¹⁸ Sobrinho do autor e morador da Aldeia Palmeirinha TI Ibirama/Laklãnõ.



Imagem doada para este trabalho por **Eber Ricardo Kaipã Ndili** em 2013, mas segundo o mesmo foram feitas no ano de 2013.

A seguir apresento imagens de banhistas na Cachoeira do Veado, situada na Aldeia Pavão, local onde banhistas de toda a terra Indígena se encontram nos finais de semana da mesma forma como frequentam a Cachoeira Esmeralda na Aldeia Sede. São dois lugares estratégicos nos dias quentes para fugir do intenso calor do verão.



Imagens doadas para este trabalho por **Idalina Priprá**, índia Laklãnõ moradora da Aldeia Pavão em 2013 e segundo ela foram feitas no mesmo ano.

A prática do banho de rio no meu ponto de vista é a mais principal atividade corporal praticada pelos Laklãnõ e é muito importante, pois engloba aprendizagem, diversão e a produção de um corpo saudável. O que me deixa triste é saber que as águas do Rio Hercílio que outrora abrigava em suas gostosas e límpidas águas os corpos dos banhistas Laklãnõ hoje se encontram sujas e poluídas perdendo sua importância para a prática do banho devido a Barragem Norte que levou consigo uma prática milenar desse povo que hoje busca satisfazer sua vontade de se banhar, nas geladas cachoeiras. Não que seja ruim banhar-se em uma cachoeira, mas é que no rio havia mais espaço para a prática das diversas brincadeiras que compõe o banho de rio.

Considerações finais

Para finalizar quero retomar alguns pontos abordados acima para me situar especificamente no aprendizado que obtive durante esta pesquisa que é o que os poucos teóricos que trabalham com a temática infância indígena, especificamente Antonella Tassinari que muito contribuiu com suas pesquisas para eu poder me direcionar nesta linha também, que são: a) A liberdade da criança, reconhecendo aqui sua autonomia e responsabilidade própria de aprendizagem, ficando para os adultos apenas a responsabilidade de possibilitar momentos para essa aprendizagem; b) O espaço sem limites ao contrário do espaço de uma criança em contexto urbano que é totalmente delimitado por diversos elementos que considero como instrumentos de dominação o que no contexto de meu povo a pessoa não se torna naquilo para o qual ela foi predestinada, porque cada ser humano nasce com alguma finalidade em sua sociedade e por isso deve descobrir o seu destino; e por último a construção da Barragem Norte que considero o maior elemento da desestruturação política, social e cultural do meu povo, muito mais do que o próprio episódio de 22 de setembro de 1914, quando KÓVI E VÕBLE muito bravamente fizeram uma aliança com Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, às margens da confluência dos rios Hercílio e Platê no interior desta que hoje é a Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ.

Lamento dizer também que para nós Laklãnõ a Barragem Norte não trouxe nenhum benefício, mas detonou drasticamente muitos elementos de nossa cultura e me situando na temática aqui abordada, que é apenas um primeiro ensaio a respeito da concepções de infância Laklãnõ, que uma vez desestruturando o sistema tradicional, que é o mundo dos adultos, aquela coletividade que faz parte da formação da pessoa Laklãnõ, a tendência é de criar uma geração com outros princípios e moralidade social diferente do que consideramos uma pessoa Laklãnõ. Os reflexos dessas mudanças podem ser visto no aumento da criminalidade dentro da Terra Indígena, o alcoolismo, o tráfico de armas e de entorpecentes, brigas entre membros da mesma família, a perda gradativa da língua e outros elementos da nossa cultura e a migração para as periferias das cidades vizinhas.

Espero que essa reflexão possa contribuir para a construção de um novo pensamento em busca de alternativas para a resolução dessa problemática que hoje está instituída entre os Filhos do Sol e que os Espíritos da Natureza estejam conosco nos direcionando para o caminho certo. Também espero que os registros das brincadeiras e todo o conteúdo deste texto contribuam grandemente como instrumento de apoio para os professores em suas práticas docentes, uma vez que existe uma carência muito grande de material didático em língua Laklãnõ.

Referências

BARBOSA, Ana Clarisse Alencar; GOMES, Vilisa Rudenco. **Narrativas Tradicionais Na Educação da Criança Xokleng/Laklãnõ**. Anais da IX ANPED Sul – Seminário de pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

GAKRAN, Nanblá. **Aspectos morfossintáticos da Língua Laklãnõ (Xokleng) Jê**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP – Campinas, SP: [s.n.], 2005.

HENRY, Jules. *A Kangang Text*. **Internacional Journal of American Linguistics**, Vol. VIII. New York, Ag. 1935 n° 3-4.

HOFFMANN, Kaio Domingues. **Musica, Mito e Parentesco: Uma Etnografia Xokleng**. Dissertação de Mestrado: Florianópolis, SC, 2011.

Imagens de Onças. Disponíveis em https://www.google.com.br/search?q=imagens%20de%20onça&gws_rd=ssl – Acessado em agosto de 2014

KLUEGER, Urda Alice & FRAGA, Nilson Cesar. **O Impacto Socioambiental e Cultural da Construção da Barragem Norte em José Boiteux (SC) sobre a Reserva Indígena Xokleng**. Belém – Pará, dez, 2010.

LAKLÃNÕ, Povo. **Regimento Interno: Portaria Vigente Nº 001, da política interna da Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ**. Assembleia Geral de Líderes do Povo Xokleng, 1983. (Publicada em 03/10/1996 – Revisada em 01/05/2002).

MALINOVSKI, Bronislaw. **A Vida Sexual dos Selvagens**. Livro Coleção Ciências Sociais, Editora Francisco Alves, 1982.

SANTOS, Sílvia Coelho dos. **Índios e Brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis: Ed. Edeme, 1973.

SANTOS, Sílvia Coelho dos. **Os índios Xokleng: memória visual**. Florianópolis: Ed. da UFSC Itajaí: Ed. da UNIVALI, 1997.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **Concepções Indígenas de Infância no Brasil**. Tellus 7, ano, n. 13, p. 11-25, out. Campo Grande – MS, 2007.

URBAN, Greg. *The Semiotics fo two Speech Styles in Shokleng*. In Elizabeth Mertz and Richard J. Permentier (Eds.), **Semiotic Mediation: Sociocultural and Psychological Prespectives**. New York: Academic Press, 1985.

APÊNDICE - Laklãnõ óg klã óg tũ ũntógli dén tũ klo kég ke jó lánlál - As Brincadeiras praticadas Pelas crianças Laklãnõ na atualidade

Finalizando este trabalho agora eu apresento aqui as brincadeiras que pude apreciar as práticas no contexto infantil Laklãnõ e que tive o privilégio de participar de algumas delas e aprendi as regras que as constitui, das quais elaborei um pequeno caderno bilíngue Laklãnõ/português para servir de material de apoio para os professores em suas práticas docentes, no ensino da língua Laklãnõ, contribuindo assim com o fortalecimento e manutenção da mesma. Informo ao leitor que por se tratar de um caderno, as brincadeiras praticadas no rio, já mencionadas anteriormente irão se repetir para que o caderno não fique incompleto.

O presente material foi escrito e traduzido por mim e a revisão ortográfica e correções da escrita sistemática em língua Laklãnõ foram feitas por Namblá Gakran, atualmente em fase de conclusão de seu doutoramento na Universidade de Brasília – UNB em linguística com temática voltada para a estrutura da língua Laklãnõ.

DÉN KÓNÃ VE TÕ KUKLYL

Hãli ken kũ tũ klo ké ke jó

Dén kónã ve tũ kugklyl tũ klo jé ãgžẽ légle vũ tẽ:

- ‘Klo tãvẽ’: Û tũ vãnõ blé klonh ke te óg ẽ dén kónã ve tũ kuklyl ha tũ ki ge kũ ẽ tũ ũn kunũg mũ te tũ óg ẽ tũn gég ke mũ.
- ‘Ãg glo kũ’: Ûn pil vũ ẽ “tilica¹⁹” te gég katẽ kũ ũn te óg mũ vin kũ óg blé tũ klo kég ke mũ. Ẽ klo kól te kũ óg, ã tũ ẽ mũ vin mũ te mũ vãtxika vin ban gég ke mũ.

TILICA²⁰ (bolinha de gude ou quilica)

²⁰ Tilica: nome pelo qual as crianças Laklãnõ chamam a bolinha de gude.

Como praticar (jogar)

Há duas formas de jogar Tilica:

- “À véra”: cada jogador joga com suas próprias “tilica” e todas que conseguirem ganhar passam ser suas. Não tem quantidade de jogadores.
- “À brinca”: as “tilicas” são de um dos jogadores, que divide para o seu adversário para jogarem com ele. Após o jogo as tilicas são devolvidas ao seu dono.



Fotos de Marcondes Namblá, 2013.

KLÁGZÁL TXE TÕ KLO

Âmẽn mẽ: ẽ pãn pa te jundjun kũ óg a tõ ẽ tõ ló pãg ge te jé óg vãnھ kóto vin kũ óg mẽ klo kég ke mũ. Kũ óg vãnھ ka lyglyg gũ vãnھ blé klo ké ke mũ.

Ên ki ãg ze jógpalag ge mũ ki: Âmẽn mẽ ẽ jógzẽn gég ke mũ a li óg ké kég ke mũ.

Klágzál txe tavẽ: klágzál txe tãvẽ nẽ ã ta te kũ óg, ha tõ klo kég ke mũ, jãgló ti tũ ã ta te kũ óg, dén kónhvug vagzun kũ kágdje kũ to vãnھ mõ ã han kũ tõ klo kég ke mũ.

JOGAR BOLA

Na estrada: tiram os calçados para fazerem as traves, em seguida se dividem em duas equipes e jogam.

Na escola: acontece da mesma maneira que fazem na estrada.

A bola: quando têm uma de verdade, eles jogam e se divertem, mas quando não tem uma bola, eles juntam pacotes e papel e constroem uma bola e assim podem jogar como se fosse bola.



Acervo Marcondes Namblá, 2013.

VÃNH KUGMÊG

- Ũ tō óg kugmêg ge mũ te zãg vén gég ke mũ.
- Vel ãn ki óg kugmêg vanh zãg ban gég ke mũ.

Tóg óg vin kól kũ óg klo kég ke mũ. Kũ ã tō óg kugmêg jé jã mũ ha vũ ã te óg du lálá kég ke mũ, ã tō óg ki ã kãgmê jé. Kũ ti tō ã kagmêg vén mũ te ã ha óg kugmêg gég ke mũ. Jãgló vel ãg glo ãn pã ki ãn kagmêg mũ te óg nãli ti blé mẽ óg kugmêg kég ke mũ. Kũ óg tō mẽ óg kugmêg kan, ã ta te kũ ta mẽ tũg tẽ kég ke mũ.

PÊGO (pega-pegar)

- Primeiramente deve-se escolher um pegador;
- Depois escolher um fráio;

Após definir esses dois elementos principais da brincadeira iniciam-se com o pegador tentando pegar os demais participantes. Aquele que for pego torne-se o novo pegador e assim sucessivamente. Na modalidade de pega-ajuda os que forem pegos tornam-se pegadores também e a brincadeira continua até o último participante ser pego.



Fotos do acervo do próprio autor, feitas durante pesquisa de campo tempo comunidade, 2013.

KÓ MÊ JAPLY

Vãtxỹ te ka jẽl te óg ã tō dén kónã ko jé óg kó tóg te mẽ japly ké ke mũ. Kég ke jã óg vũ, tō ã klo han mũ, kũ tóg óg tóg ké kó te mẽ japly kũ dén kabág tō klo kég ke

mũ. Mẽ óg vãnh kugmẽ blé ãg glo kabág to óg klo kég ke mũ. Jêl ã óg vũ, kó txagtxa ka dél ke kũ óg kó ã te mẽ mũ kég ke mũ. Tóg ge jêl óg klo te tẽ kég ke mũ. Ûn tóg te li nã óg tở like ve ban vanh kũ tẽ kég ke mũ, like ti jé óg nỏ óg ha tở, vẫtxỹ ka óg klo kég ke ã ta te like kómãg gég ke vã. Jêl óg ha vũ, la lál ki ẽ tở hun gẻnh ke te ki hun gẻg ke mũ. Vẫtxỹ te ka nũ ẻnh légle te óg blé nã kó tóg te mẽ jazyl kũ ti kónã te mẽ ko kũ nã mẽ klo kég ke mũ. Jãgló tóg te tở tóg ge tẻg te jẻ, ãg tở zug óg blé vẫnhkala jỏ kỏl kũ jẻl te óg tở ẻ jỏgzẻ tóg te mẽ tovanh kan jỏ vã.

SUBIR EM ÁRVORES

No passado as crianças costumavam subir em árvores para apanhar seus frutos. Com o passar do tempo, subir em árvore tornou-se uma brincadeira e as crianças brincavam de várias coisas, como pega-pega, outras ficavam se pendurando e testando suas habilidades de escalar as árvores e assim por diante. Atualmente é muito raro ver alguma criança brincando em árvore, até por que muitos pais têm privado seus filhos daquela liberdade tradicional do povo no passado, no qual as crianças brincavam com as demais e não havia imposição de limites ou de regras de conduta ou horário para brincar. Eram as próprias crianças quem determinavam a que horas parar de brincar. Hoje são poucas as crianças que costumam subir em árvores, isso devido às mudanças já mencionadas, mas esse ato, não é mais como na minha época de criança, na qual com meus amigos subíamos nas árvores para nos se divertir e assim também se alimentar dos seus frutos.



Fotos do acervo do próprio autor feitas durante a pesquisa de campo Tempo Comunidade, 2013

MỄ TỄG - MỄ TỄG JUGGUG

- Jêl légle óg vũ tở pa'i nỏdẻ tẻ;
- Ủ vũ tở ugtxa jã tẻ, kũ ã tở zazan jã tẻ;
- Kỏl kũ óg ãg jẻl tóg pãn nẻm tẻ: Mẻ tẻg - mẽ tẻg juggug/ nẻli óg mẽ mũ kan mũ/ũ pil jẻ mẽ tẻg vén/ủn légle jẻ mẽ tẻg ban/ ãn ki katã tóg txẻg nã tẻ!
- Ễ tở ti txe kũ ti mỏ zẻ vẫnhke kẻg ke mũ: Ủ blẻ mã jã jẻ, ugtxa vé zazan blẻ?
- Kũ jẻl te ẻ tở ãn blẻ jãg txul mũ te djin lỏ tẻ kũ tá jã kẻg ke mũ.
- Ễ tở mẽ óg kágtxẻg kan kũ óg vẫha vẫnhỏ kỏto vẫnhỏ jỏgjỏg gẻg kẻ mũ, kũ ãn vẻl vén mũ óg vũ ki kágkỏl kẻg ke mũ.

PASSA-PASSA GAVIÃO

- Duas crianças serão os líderes;
- Uma será o javali e a outra o tatu;

- c) Inicia-se a música: Passa-passa gavião/todo mundo já passou/passa o primeiro/passa o segundo/terceiro será fechado!
- d) Prendem o terceiro e perguntam: quem você quer javali ou tatu?
- e) Então essa criança deve se posicionar atrás do líder de sua escolha;
- f) Quando todos forem fechados e tiverem escolhido o seu lado, forma-se o cabo de guerra e o grupo que cair primeiro é o perdedor.



Fotos do acervo do próprio autor, feito durante a pesquisa de campo Tempo Comunidade, 2013.

VÃLE TÕÃG GLO

- a) Jêl tō tá óg tō vānhō blé klo: ã zi vũ tō óg nê, kũ vel ã óg vũ tō nōdê, ã zi vu tō óg nō te zi nũgjen nê, ã te óg tō mē ãn pã óg nō nōdê;
- b) Jêl tō kónhgág te óg: Jêl tō tá óg bén óg nōdê/ vel tō óg klã nōdê;
- c) Kónhgág óg vālen kũ ãmên jig mũ gég ke mũ;
- d) Jêl tō tá óg ha vũ ên te tōlêl kũ vel ãggágdénh gé ke mũ;
- e) Óg klã te óg klo mē klo nō jã, ên bág ki vānhlānlán zópalag ge jó te ló mũ kég ke mũ;

CASINHA

- a) Entre meninas: uma é a mãe e as outras filhas, tias ou outras mães de outras famílias;
- b) Com meninos: eles se tornam maridos e/ou filhos;
- c) Eles constroem as casas e abrem as estradas;
- d) Elas cuidam da casa e da comidinha;
- e) Os filhos e filhas brincam e vão para a escola;

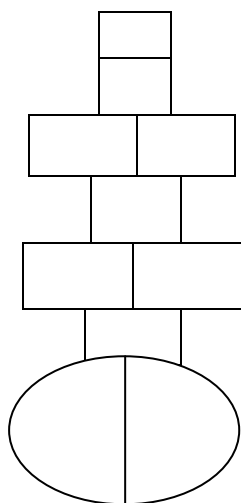


*Menina brincando sozinha de casinha - meninos participando da brincadeira de casinha
Acervo Marcondes Namblá, 2013.*

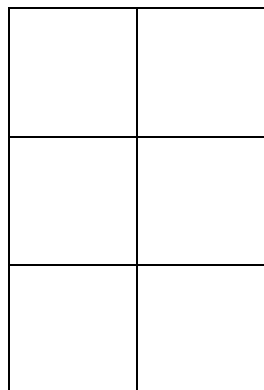
DÉN KUTXŨG TÕ KLO JÓ -

Dén kutxũg tō klo te vũ légle tē: ãn ve ti vũ klê nō. Kũ ã te vũ tapél nō, tóg gen kũ:

1) Dén kutxūg katxin tō klē



2) Dén kutxūg katxin tapél



Dén kutxūg katxin tō klē:

- Kózy pov tapél, like tū kū ũn kanēlóg, ban kū óg ki zun kū ki lāglāg mū jā óg vātxika kamū kū kózy pov ā ta te ban kū óg ka kutādē kég ke mū;
- Vātxika óg kózy pov te to ki zun ban gég ke mū, kū ti tō ki kutā un ā ta te kū óg mū mẽ ban gég ke jā óg, ē tō ti vānhka kykyv te mẽ mū kan gég ke mū, kū óg vāzókójān kū ē djin ló kózy te zun gég ke kū, ti tō ũn ki kutā mū te ki óg ē jyjy te lán gég ke mū, kū ta tō óg tū nō kég ke mū;

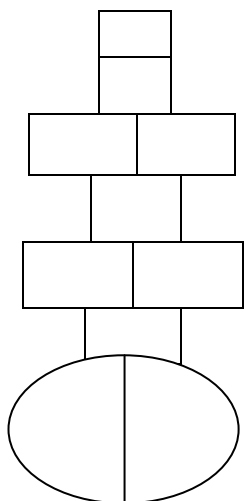
Dén kutxūg katxin tapél:

- Kózy pov tapél, like ũn tū kū ā ta te kū ũn kanēlóg nē, ban kū óg ki zun kū ē pān pil tō ki lāglāg gū mẽ pāgpāg mū jā óg ti jógťanh ũ te tá kapó kég ke mū;
- Vātxika óg ē tō kózy bó jā te tō ki zun ban kū ti tō ki kutā un ā ta te kū óg mū ban gé ke jā óg, ē tō ti vānhka kykyv te mẽ mū kan kū óg vэг te, vāzókójān kū ē djin ló kózy te zun kū ti tō ũn ki kutā mū te ki óg ē jyjy te lán gég ke mū, kū ta tō óg tū nō ké ke mū;

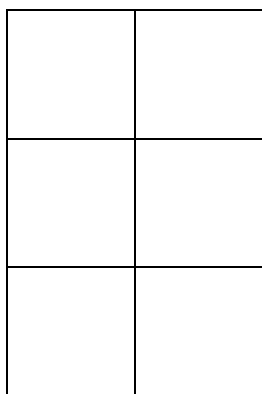
AMARELINHA

Existem duas formas de amarelinha: a tradicional amarelinha de cabeça e a amarelinha quadrada. Assim:

1) Amarelinha-de-cabeça



2) Amarelinha quadrada



Amarelinha de Cabeça:

- Os jogadores utilizam uma pedrinha quadrada ou arredondada e jogam no primeiro quadrinho e em seguida começam a pular nos demais quadrinhos e na volta pegam a pedrinha e saem da amarelinha;
- Tornam a arremessar sua pedrinha e se ela cair certo, dentro do quadro, a criança continua jogando até passar todos os quadrinhos e então de costas arremessa sua pedrinha e no quadro que ela cair é marcado o nome do jogador e este passa a ser dono daquele quadrinho;

Amarelinha Quadrada:

- Os jogadores utilizam uma pedrinha quadrada ou arredondada e pulando num pé só (pé-de-saci), vão chutando a pedrinha, do primeiro quadrinho até sair do outro lado da amarelinha, no último quadrinho;
- Tornam a arremessar sua pedrinha novamente e continuam jogando. Se acertarem o arremesso, seguem jogando até passarem todos os quadrinhos e então de costas arremessam a pedrinha e no quadrinho em que ela cair é marcado o nome do jogador e este passa a ser o dono daquele quadrinho;

KÃGDJÁL KI VÊ JÓ TÕ KLO

- Kagdjal te pil nẽ ã ta te kũ, jẽl tõ ãn pil ki nõ te óg vũ vãtxo vagzun kũ ki klo kég ke mũ;

- b) Ën ãn pã ki jêl te óg vãnhku ã tũ ti ki klo kég ke mũ;
- c) Kũ ãn tũ te óg pate han mũ ã ta te ã ha óg klo te zãnkagklen kég ke mũ;

JOGANDO NO CELULAR

- a) Quando existir apenas um aparelho celular, as crianças da mesma casa se reúnem para jogar;
- b) Em algumas casas, cada criança tem seu próprio aparelho para jogar;
- c) A regra é quem fizer mais pontos (dependendo do jogo) sagra-se o vencedor;



Fotos do acervo do próprio autor, feitas durante a pesquisa de campo Tempo Comunidade, 2013.